AUGUSTO COMTE

Influência Feminina do Pozitivismo

Tradução por R. TEIXEIRA MENDES

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO PRIMEIRO CENTENARIO DO
ADVENTO DO POZITIVISMO RELIGIOZO

RIO DE JANEIRO — 1945

AUGUSTO COMTE

Influência Feminina
DO
Pozitivismo

Tradução por R. TEIXEIRA MENDES

=□=

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO
PRIMEIRO CENTENARIO
DO
ADVENTO DO POZITIVISMO RELIGIOZO
RIO DE JANEIRO

ADVERTENCIA

A tradução destas encantadoras páginas de A. Comte sobre o séxo afetivo, quarta parte do "Discurso sobre o Conjunto do Pozitivismo", foi feita pelo Apóstolo da Humanidade R. Teixeira Mendes e anexadas na concluzão de sua béla obra "O Ano Sem Par".

A reprodução em folheto que agora se fás, foi inteiramente custeada pelo nósso distinto amigo e correligionário prof. João Marinho e é destinada a comemorar o primeiro centenário do Advento do Positivismo Religiozo.

Para ressaltar os importantes assuntos abordados nesta útil e oportuna publicação foram incluídos na presente edição vários subtítulos.

Faço votos que a meditação dos ensinos pozitivistas sobre os problemas femininos conduza a Mulhér a trazer o seu indispensável concurso em prol da terminação da grande crise, implantando definitivamente a Religião que tem o Amor por princípio e a Ordem por base; o Progrésso por fim.

J. Modésto Lima.

Rua Alzira Brandão n. 25, casa 20.

NÃO tive tempo aínda de ler o vósso livro como hei de ler; fiquei, porem, encadeiada por algumas páginas sobre o meu séxo: neste assunto, **não ha sinão vós.** Os outros, ou dão à Mulher uma pozição essencialmente subaltérna, subordinada às ezigências materiais do hômem, ou procúrão assinalar-lhe uma essencialmente fóra de sua natureza e de seus instintos. Só vós, Senhor, sabeis combinar a sua dignidade moral e intelectual como companheira, com a sua natureza físicamente e moralmente dependente.

SARAH AUSTIN

(Trecho de uma carta a Augusto Comte)

A mulher, elemento afetivo da sociedade, deve se tornar o regulador supremo do homem

Por maiór que seja o acendente que a ativa adezão dos proletários deva proporcionar à influência social dos filózofos, o impulso regenerador exige aínda um terceiro elemento, indicado pela verdadeira teoria da natureza humana, e confirmado pela san apreciação histórica da grande crize modêrna.

A nóssa constituição moral não se compõe sómente da razão e da atividade, que são reprezentadas respetivamente pelos dois elementos filozófico e popular. Ela é tambem caraterizada pelo sentimento, onde rezide mesmo o seu princípio preponderante, segundo a teoria espósta no princípio deste discurso. Óra, esse motor supremo, única baze real da unidade humana, não se acha reprezentado de uma maneira assás diréta nem assás compléta na aliança fundamental que nós acabâmos de caraterizar entre os filózofos e os proletários .

Sem dúvida, o sentimento social dominará o surto decizivo de cada uma déssas duas potências. Mas a sua fonte não é aí assás pura nem assás íntima para que a sua eficácia pudésse bastar à sua destinação, sem uma inspiração mais espontânea e mais bem sustentada.

A sociabilidade dos nóvos filózofos terá muita consistência, por estar ligada a convicções sistemáticas: mas a sua própria racionalidade amortecer-lhe-ia demaziado a energia, si um impulso menos refletido não viésse habitualmente reanimá-la. Embóra o seu nóbre ofício público deva em bréve imprimir aos sentimentos deles uma atividade desconhecida aos pensadores abstratos, essa ecitação coletiva não póde dispensar de emoções privadas. Mesmo o que os seus costumes ganhárem no comércio dos proletários, não poderia bastar para compensar as lacunas ordinárias da organização especulativa.

Por outro lado, si as afeições peculiares ao povo são mais espontâneas e mais enérgicas do que as dos filózofos, têm, em geral, menos perseverança e pureza. A destinação ativa délas não lhes permite sêrem assás dezinteressadas nem assás fixas. Todas as vantá-

gens morais inherentes à sistematização do elemento popular serião incapazes de compensar neste as estimulações egoistas de uma situação ezigente, sem a assistência natural de emoções mais doces e mais constantes. Dispensando os proletários de formular as suas queixas ou os seus vótos, os filózofos não lhes pódem transformar a inevitável personalidade.

Assim, a aliança necessária que ha de dirigir a nóssa reorganização caréce ainda de uma suficiente reprezentação do supremo regulador humano. Este não póde entrar dignamente naquéla sinão mediante um elemento que lhe seja diretamente peculiar, como o elemento filozófico o é à razão e o elemento popular o é à atividade. Tal será o motivo fundamental da indispensável adjunção das mulhéres à coalição renovadora, lógo que as suas tendências e as suas ezigências se tornárem assás apreciáveis. Só este terceiro elemento permitirá ao impulso orgânico tomar o seu verdadeiro caráter definitivo, assegurando espontâneamente a subordinação contínua da razão e da atividade ao amor universal, de maneira a prevenir tanto quanto possível as divagações de uma e as perturbações da outra.

Si a sua incorporação oferéce ao pozitivismo um meio indispensável, éla lhe aprezenta tambem um dever inevitável, para completar o conjunto do movimento modérno, ao qual as mulhéres permanecêrão até aquí demaziado estranhas.

A mulher e as idéas modernas

A revolução não póde ainda inspirar-lhes sinão simpatias individuais, sem nenhuma adezão coletiva, por cauza do caráter essencialmente negativo peculiar à sua primeira parte. E' sobretudo à idade-média que élas continúão a referir as suas predileções sociais. Óra, éssa preferência não é sómente devida, como se crê, aos justos pezares délas pela decadência dos costumes cavalheirescos. Sem dúvida, a idade-média lhes oferéce a única época em que o culto da mulhér haja sido dignamente organizado. Porem um motivo mais íntimo e menos interesseiro determina sobretudo o atrativo espontâneo que lhes oferécem éssas bélas recordações. O elemento mais moral da humanidade déve preferir a qualquer outro o regimen único que erigiu diretamente em princípio a preponderância da moral sobre a política. Tal é, ouzo assegurá-lo, a fonte secréta dos principais pezares que a irrevogável decompozição do sistema social peculiar à idade-média inspira ainda às mulhéres.

Sem que élas desdênhem os divérsos progréssos especiais que a humanidade déve ao movimento modérno, eles não pódem compensar, aos seus ólhos, a retrogradação geral que lhes paréce indicada por uma vicióza tendência a restabelecer a antiga supremacia da política sobre a moral. A necessidade passageira de tal aberração, correspondente à ditadura temporal que a imperfeição da espiritualidade católica ezigiu, déve ser pouco apreciada, em consequência da falta de uma verdadeira teoria histórica, por espíritos quázi alheios à vida

importância da Idade Média

ativa. E' pois sem razão que as mulhéres têm sido a miudo taxadas de tendência retrógrada, em virtude déssas nóbres saudades. Élas estarião mais fundadas em dirigir-nos tal repróche, pela nóssa céga admiração do regimen grego ou romano, colocado ainda tão acima da organização católico-feudal. Mas tal erro déve sobretudo a sua persistência a uma absurda educação, da qual as mulhéres estão felismente prezervadas.

Seja como fôr, essas dispozições femininas reprezêntão ingênuamente a principal condição da nóssa verdadeira regeneração, a saber, a necessidade de restabelecer a subordinação sistemática da política à moral, sobre uma baze mais diréta, mais estensa, e mais perdurável do que a da idade-média. O culto da mulhér constitúi desde então um rezultado caraterístico de tal regimen. Eis, pois, a que preço o movimento renovador obterá a íntima adezão das mulhéres. Tal programa não déve parecer retrógrado sinão aos filózofos incapazes de o satisfazer.

As mulhéres não repélem, pois, a revolução, porem sómente o sentimento anti-histórico que dominou a primeira parte désta, na qual a céga reprovação da idade-média chocava as suas principais simpatias. Podião élas acolher um regimen metafízico que parecia colocar sobretudo a felicidade humana no ezercício habitual dos direitos políticos, pelos quais nenhuma utopia lhes inspirará jamais verdadeiro atrativo? Mas élas simpatizão profundamente com as justas reclamações populares que caraterizão o alvo essencial da grande crize. Os seus vótos espontâneos secundarão sempre os esfórços diretos dos filózofos e dos proletários para transformar enfim os debates políticos em tranzações sociais, fazendo dignamente prevalecer os deveres sobre os direitos. Si élas têm saudade da sua doce influência anterior, é sobretudo por ésta se apagar hoje sob um grosseiro egoismo, que não é mais modificado pelo entuziasmo revolucionário. Todas as repugnâncias que se lhes esprobarão concórrem pois para fazer milhór sobresair a necessidade fundamental de dissipar enfim, a íntima anarquia moral e mental donde emânão todos os motivos essenciais das suas justas recriminações.

O Pozitivismo dá satisfação aos votos legitimos da mulher

Afim de que as mulhéres se associem plenamente à revolução, basta hoje que éla tenda diretamente para a sua destinação orgânica, sem prolongar viciózamente o seu preâmbulo negativo, cuja necessidade élas não podião compreender assás para escuzar-lhes as aberrações. E' precizo que êssa crize final, longe de repelir toda a solidariedade com a idade-média, se aprezente, segundo o seu verdadeiro caráter histórico, como vindo realizar, sobre milhóres bazes, a universal preponderância que foi então conferida à moral. Em uma palavra, o pozitivismo déve lhes fazer amar a segunda parte da revolução, fundando os nóssos costumes republicanos sobre o sentimento cavalheiresco.

E' únicamente assim que se completará o impulso regenerador, que ficaria insuficiente sem o íntimo concurso do elemento humano que reprezenta milhór o princípio fundamental do regímen definitivo, a preponderância da sociabilidade sobre a personalidade. Só os filózofos pódem dar a esse princípio uma consistência verdadeiramente sistemática, que o prezervará de toda sofística alteração. A sua enérgica atividade não póde emanar sinão dos proletários, sem os quais a sua aplicação seria quázi sempre iludida. Mas só as mulhéres dévem proporcionar-lhe uma inteira pureza, izenta a um tempo de reflexão e de opressão. Assim instituída, a aliança renovadora oferecerá a imágem antecipada do estado normal da humanidade, e o tipo vivo da nóssa própria natureza.

Si a nóva filozofia não pudésse obter tal apoio, éla deveria renunciar a substituir totalmente a teologia no seu antigo ofício social. Mas a teoria fundamental espósta no começo deste discurso garante já a aptidão feminina do pozitivismo, ainda mais diretamente do que a sua eficácia popular. Porque, o seu princípio universal, a sua maneira de conceber e de tratar o grande problema humano, não oferécem sinão uma consagração sistemática das dispozições que caraterízão espontâneamente as mulhéres. A esse séxo, como ao povo, ele abre uma nóva carreira social, ao mesmo tempo que assegura justas satisfações pessoais.

Em um e outro cazo, éssas propriedades gerais, longe de sêrem em nada acidentais, constitúem a consequência necessária da realidade que distingue a nóva filozofia, fundando sempre o seu livre acendente sobre a ezata apreciação do que é. Empíricas prevenções não poderião longo tempo impedir as mulhéres de sentírem que o pozitivismo satisfará milhór do que o catolicismo a todas as ezigências, não sómente intelectuais, mas sobretudo morais e sociais, que as prêndem ainda a um regímen cuja decrepitude a judicióza sagacidade délas não lhes dissimula. Esses prejuízos rezúltão hoje de uma confuzão escuzabilíssima entre a san filozofia e o seu preâmbulo sientífico. A secura tão justamente reprochada aos sientistas acha-se assim imputada aos nóvos filózofos, cujo espírito teve de seguir a princípio similhante regímen. Porem a injustiça déssa estensão tornar-se-á manifésta quando o contato estabelecer-se. As mulhéres reconhecerão então que o perigo moral dos nóssos estudos sientíficos provém sobretudo da sua especialização dispersiva e empírica, que repéle sempre o ponto de vista social. Élas sentirão assim que tal influência não poderia estender-se à iniciação filozófica, mesmo espontânea, onde esses divérsos estudos não constitúem sinão uma série indispensável de degráus preliminares para se elevar dignamente às teorias sociais, afim de milhór aplicar toda a nóssa ezistência ao aperfeiçoamento universal. Uma preparação sempre referida a esse único fito não será mais confundida pelo tato feminino com uma vida inteiramente votada às puerilidades acadêmicas. De résto, o conjunto deste discurso bastaria plenamente para dispensar, a este respeito, de toda esplicação prévia.

A mulher não deve mandar — Ela deve modificar o homem pela afeição e o conselho

No regímen pozitivo, a destinação social das mulhéres tórna-se lógo uma consequência necessária da verdadeira natureza délas.

Esse séxo é cértamente superior ao nósso, quanto ao atributo mais fundamental da espécie humana, a tendência a fazer prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade. Por esse título moral, independente de toda destinação material, ele meréce sempre a nóssa térna veneração, como o tipo mais puro e mais diréto da humanidade, que nenhum emblema reprezentará dignamente sob fórma masculina. Porem tal preeminência natural não poderia proporcionar às mulhéres o acendente social que se tem por vezes ouzado sonhar para élas, embóra sem a aquiecência délas. Porque a sua superioridade diréta quanto ao alvo real de toda a ezistência humana se combina com uma inferioridade não menos cérta quanto aos divérsos meios de atingi-lo. Para todos os gêneros de força, não sómente de corpo, mas tambem de espírito e de caráter, o hômem sobrepuja evidentemente a mulhér, segundo a lei ordinária do reino animal. Óra, a vida prática é necessáriamente dominada pela força, e não pela afeição, por ezigir incessantemente uma penóza atividade. Si não se precizasse sinão amar, como na utopia cristan sobre uma vida futura libertada de toda egoística necessidade material, a mulhér reinaria. Mas é precizo sobretudo agir e pensar, para lutar contra os rigores do nósso verdadeiro fadário; desde então, o hômem déve mandar, máu grado a sua menór moralidade. Em toda grande operação, o sucésso depende mais da energia e do talento do que do zelo, embóra essa terceira condição reaja muito sobre as outras duas.

Tal é o defeito natural de harmonia geral entre as três partes da nóssa constituição moral, que condena as mulhéres a modificárem pela afeição o reinado espontâneo da força. O justo instinto da sua superioridade afetiva lhes inspira ordináriamente dezejos de dominação, que uma crítica superficial atribúi com demaziada frequência a pendores egoístas. Mas a esperiência lhes lembra sempre que, em um mundo onde os bens indispensáveis são raros e difíceis, o império pertence necessáriamente ao mais possante, e não ao mais amante, que entretanto seria mais digno de governar. Esse conflito contínuo acaba sómente em uma modificação permanente da preponderância masculina. O hômem se présta tanto milhór a isso, independentemente de toda sensualidade, quanto uma secréta apreciação lhe indica a superioridade natural da mulhér no que concérne o principal atributo da humanidade. Ele sente que o seu império provém sobretudo das ezigências da nóssa situação, que nos impõe sempre operações difíceis, nas quais o egoísmo age mais do que a sociabilidade. E' assim que, em todas as sociedades humanas, a vida pública pertence aos hômens, e a ezistência das mulhéres é essencialmente doméstica. Longe de apagar éssa diversidade natural, a civilização a

dezenvólve incessantemente, aperfeiçoando-a, como indicarei mais abaixo.

Daí rezulta a similhança fundamental da condição social das mulhéres com a dos filózofos e dos proletários; de maneira a esplicar a solidariedade necessária entre esses três elementos indispensáveis do poder moderador.

Quanto aos filózofos a analogia provêm de que a mesma fatalidade, que impéde as mulhéres de prevalecêrem em virtude da sua superioridade afetiva, priva ainda mais os pensadores da dominação que eles crêm devida à sua preeminência teórica. Si as nóssas exigências materiais fóssem mais fáceis de satisfazer, a preponderância prática entravaria menos a potência intelectual. Porem néssa hipótese, a supremacia conviria mais ao elemento feminino. Porque a nóssa razão se dezenvolve sobretudo para esclarecer a atividade: o seu surto próprio é pouco solicitado pela nossa constituição cerebral. Só o amor conservaria então a sua inalterável espontaneidade. Assim, o império do mundo real pertence ainda menos aos seres pensantes do que aos seres amantes, embóra o orgulho doutoral seja menos rezignado do que a vaidade feminina. Apezar das suas pretensões, a fôrça intelectual não é, no fundo, mais moral do que a fôrça material. Cada uma délas não constitúi sinão um meio, cuja moralidade depende do seu emprego. Não ha nada dirétamente moral, na nóssa natureza, sinão o amor, que, único, tende imediatamente a fazer prevalecer a sociabilidade sôbre a personalidade. Si, pois, o amor não póde dominar, a que título reinaria o espírito? Toda supremacia prática pertence à atividade. A razão está assim reduzida, ainda mais do que o sentimento, a modificar a vida real. Eis aí como o elemento filozófico acha-se escluido do poder diretor, pelo menos tanto como o elemento feminino. Na sua van luta para reinar, o espírito não conségue nunca sinão modificar. A impossibilidade de prevalecer tórna-se mesmo a fonte da sua moralidade indiréta, que a sua quimérica dominação corromperia. Ele póde milhorar muito a órdem espontânea, mas com a condição de respeitá-la sempre. A sua aptidão sistemática o destina a ligar entre si todos os elementos sociais que, por natureza, tambem se áchão dispóstos a modificar felísmente a preponderância material. E' assim que a influência feminina tórna-se o aussiliar indispensável de todo poder espiritual, como a idade-média o mostrou.

A sua solidariedade natural com o elemento popular se caraterizará completando esta análize sociológica da potência moral.

Primeiro puramente afetiva, a fôrça moderatríz tórna-se em seguida racional, quando o espírito se congraça com éla, por não poder reinar. Não lhe resta então sinão tornar-se ativa, pelo acésso espontâneo da massa proletária. Óra, esse complemento indispensável resulta de que o povo, embóra formando a baze necessária do poder prático, permanéce tão estranho como os outros dois elementos ao govêrno político.

A fôrça própriamente dita, aquéla que régе os atos sem regular as vontades, emana de duas fôrças muito distintas, o número e a riqueza. Embóra reputado mais material do que o outro, o primeiro elemento compórta, no fundo, mais moralidade, porque, rezultante de um concurso, êle supõe uma cérta convergência de sentimentos e pensamentos, menos compatível com a preponderância do egoismo do que o poder imediato da fortuna. Porem a esse título mesmo, a sua natureza é demaziado indiréta e demaziado precária para que êle póssa habitualmente prevalecer. Ele se acha escluido do govêrno político e reduzido à influência moral, por uma última consequência da necessidade material que impõe similhante situação social às mulheres e aos filózofos. A preponderância fundamental das ezigências corporais proporciona um acendente imediato à riqueza, por fornecer ésta os meios de satisfazê-las. Porque os ricos são os depozitários naturais dos materiais elaborados por cada geração para facilitar a ezistência e preparar os trabalhos da seguinte. Assim, cada um deles condensa espontâneamente um poder prático contra o qual nenhuma multidão póde prevalecer sinão em cazos excepcionais. Éssa necessidade se manifesta mesmo nos povos militares, nos quais a influência numérica, apezar de mais diréta, aféta sómente o módo de aquizição. Porem o estado industrial, no qual a violência céssa de ser uma fonte habitual de riqueza, tórna sobretudo sensível tal lei social. Longe de diminuir pelo progrésso da civilização, a sua influência natural aumenta necessáriamente, à medida que o acrécimo contínuo dos capitais multiplica os meios de fazer subzistir aqueles que nada possúem. E' sómente nesse sentido que permanecerá sempre verdadeira a mássima imoral da antiguidade: *Paucis natum humanum genus.* * Assim privada da potência política, a massa proletária tórna-se de mais em mais, entre os modernos, um elemento indispensável da potência moral, como o esplicou a terceira parte deste discurso. A sua moralidade, ainda mais indiréta do que a do elemento filozófico, supõe em gráu maiór a subalternidade pratica. Quando o govêrno passa, por eceção, à multidão, é a riqueza que toma, contra a sua natureza, uma sórte de moralidade, em virtude da sua aptidão a temperar uma preponderância então violenta. Nós reconhecemos acima que as eminentes qualidades, de coração e de espírito, peculiares aos proletários modérnos, rezúltão sobretudo da sua pozição social. Élas se alterarião muito si a autoridade prática, inherente à riqueza se achasse habitualmente transferida ao número.

A ação combinada dos filózofos, dos proletários e das mulheres constitue a força moral

Tal é, em apanhado, a teoria pozitiva da fôrça moral destinada a modificar o reinado espontâneo da fôrça material, pelo concurso necessário dos três elementos sociais que fícão esteriores à órdem

* *Humanum paucis vivit genus*, — Lucano, *Farsália*, livro V, v. 343: *O gênero humano vive para poucos*. — R. T. M.

política propriamente dita. Déssa combinação fundamental rezulta o nósso principal recurso para rezolver, tanto quanto possível, o grande problema humano, a preponderância habitual da sociabilidade sôbre a personalidade. Os três elementos naturais dêsse poder moderador lhe proporciônão cada um qualidades indispensáveis. Sem o primeiro, faltar-lhe-ia pureza e espontaneidade; sem o segundo, consistência e sabiduria; sem o último, energia e atividade. Embóra o elemento filozófico não seja nem o mais diréto nem o mais eficás, é entretanto ele que caracteriza tal poder, porque só ele sistematiza a constituïção e esclaréce o ezercício deste, segundo as verdadeiras leis da ezistência social. A esse título de órgão sistemático da fôrça moderadora, a potência espiritual lhe impôs o seu próprio nome. Porem tal denominação tende a sugerir uma falsa idéia da natureza de um poder ainda mais moral do que intelectual. Respeitando uma precióza tradição histórica, o pozitivismo retificará todavia esse uzo, emanado de um tempo alheio à toda teoria social, e no qual o espirito era suposto o centro da unidade humana.

As mulhéres constitúem, pois, no regímem pozitivo, a parte doméstica do poder moderador, de que os filózofos tórnão-se o órgão sistemático, e os proletários a garantia política. Embora a instituïção déssa combinação fundamental pertença ao elemento racional, ele não déve jamais esquecer que a sua própria participação é menos diréta do que a do elemento afetivo e menos eficás do que a do elemento ativo. O seu acendente social não é possível sinão com a condição de se apoiar sempre sôbre o sentimento feminino e a energia popular.

Assim, a obrigação de associar hoje as mulhéres ao grande movimento de regeneração, longe de sucitar nenhum entrave à filozofia que deve prezidir a ele, fornéce-lhe, ao contrário, um poderozo meio, manifestando a verdadeira constituïção da fôrça moral destinada a regrar o ezercício de todas as outras potências humanas. O porvir normal se acha então inaugurado já tanto quanto o permite a tranzição atual, pois que o impulso renovador rezulta do mesmo concurso fundamental que em seguida, mais dezenvolvido e mais bem ordenado, caraterizará sobretudo o regímen final. Esse estado definitivo da humanidade se anuncia assim como plenamente conforme à nóssa própria natureza, onde o sentimento, a razão, e a atividade correspôndem ezatamente, quér izolados, quér combinados, aos três elementos necessários, feminino, filozófico e popular, da aliança regeneradora.

Todas as idades sociais permitem verificar mais ou menos distintamente, tal teoria, cujas três faces rezultão sempre da mesma necessidade fundamental, relativa à lei biológica que subordina a vida de relação à vida de nutrição. Mas é sobretudo aquí que convem o princípio geral (*o progrésso é o dezenvolvimento da órdem*) indicado, na segunda parte deste discurso, para ligar, em sociologia, cada especulação dinâmica à concepção estática correspondente. Porque a evolução humana aumenta sempre a influência moderadora da fôrça moral, quér pelo surto especial dos seus três elementos, quér consolidando o seu concurso. A béla observação histórica de Robertson sôbre o milhoramento gradual da sórte das mulhéres não é sinão um cazo particular dessa lei sociológica. Todos esses progrêssos têm por princípio comum a lei biológica que diminúi a preponderância da vida vegetativa sobre a vida animal à medida que o organismo se eléva e se dezenvólve.

Nos divérsos módos do regímen politêico da antiguidade o poder moderador permaneceu sempre reduzido à influência doméstica do elemento feminino, sem nenhuma assistência pública da fôrça intelectual, que estava aínda reunida constantemente à preponderância material, primeiro como fonte, depois como instrumento. Na idade-média, o catolicismo ocidental esboçou a sistematização da potência moral, superpondo à órdem prática uma livre autoridade espiritual, habitualmente secundada pelas mulhéres. Indiquei, na terceira parte deste discurso, como só a evolução modérna permittu completar a organização do poder moderador, fazendo enfim surgir o seu elemento mais enérgico mediante a intervenção social peculiar aos nóssos proletários. A fôrça moral, a princípio reduzida à sua fonte afetiva, e tornada em seguida racional, póde assim tornar-se ativa, sem perder o seu caráter fundamental, pois que permanéce únicamente compósta de influências esteriores à órdem política própriamente dita. Todas éstas persuádem, aconsélhão, e júlgão: porem nenhuma délas manda nunca, salvo os cazos ecepcionais. Desde então, a missão social do pozitivismo consiste sobretudo em sistematizar a combinação espontânea desses três elementos necessários, dezenvolvendo a destinação peculiar a cada um deles.

Apezar das prevenções atuais, a nova filozofia é de natureza a preencher todas as condições desse ofício fundamental. Similhante aptidão está assás constatada nas precedentes partes deste discurso, para com o elemento filozófico e o elemento popular, quér separados, quér combinados. Só me résta aqui caraterizá-la diretamente para o elemento feminino.

Éssa esplicação rezulta espontâneamente do princípio afetivo posto, no princípio deste discurso, como a baze universal do pozitivismo. Fundando o conjunto da san filozofia sobre a preponderância sistemática do coração, chama-se logo as mulhéres a formar uma parte essencial do novo poder espiritual. A espiritualidade católica não podia ver nélas sinão preciózos aussiliares; porque a sua orígem diréta éra independente do concurso délas. Porem a espiritualidade pozitiva as aprecia como elemento indispensável, pois que constitúem aí a reprezentação mais natural e mais pura do seu princípio fundamental. Alem da sua influência doméstica, élas são sobretudo destinadas então a reduzir os outros dois elementos a éssa comum unidade, que primeiro emanou délas, e da qual cada um deles está a miudo disposto a se afastar.

Por maiór que deva ser, sobre verdadeiros filózofos, a potência das demonstrações que estabelécem a preponderância lógica e sientífica do ponto de vista social, a qual condús em seguida a fazer

sistemáticamente prevalecer o coração sobre o espírito, tal encadeiamento não poderia dispensá-los de um estímulo diréto do amor universal. Eles mesmos conhécem a tal ponto a pouca eficácia prática das influências puramente intelectuais que, no interêsse da sua própria missão, eles não iludirão jamais êssa doce necessidade. Ouzo dizer havê-lo dignamente sentido, quando escrevia, a 11 de Março de 1846, àquela que, máu grado a mórte, será sempre a minha imutável companheira: "Para tornar-me um perfeito filózofo, faltava-me sobretudo uma paixão, ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizésse assás apreciar o lado afetivo da humanidade." * Tais emoções ezércem uma admirável reação filozófica, colocando logo o espírito no verdadeiro ponto de vista universal, para onde a via sientífica não o póde elevar sinão por uma longa e difícil elaboração, após a qual a sua vérve ezausta o impéde de proseguir ativamente as novas consequências do princípio assim estabelecido. O surto diréto do coração sob o impulso feminino não é pois sómente indispensável ao acendente social de uma filozofia que não poderia jamais tornar-se popular si a sua íntima adoção devesse ezigir a sapiente iniciação que preparou a sua formação original. Êssa influência habitual é mesmo necessária tambem a todos os seus órgãos sistemáticos, afim de conter neles a tendência natural das especulações abstratas a degenerárem em ociózas divagações, sempre mais fáceis de proseguir do que as sans pesquizas.

Pozitivismo e Catolicismo — O novo poder espiritual será superior ao antigo

Para sentir, a este respeito, a superioridade espontânea do novo espiritualismo, bastaria notar que o antigo achava-se radicalmente privado desse salutar impulso, pelo celibato sacerdotal, aliás indispensável ao sistema católico. Porque, a influência feminina não podia assim ezercer-se sinão fóra da corporação espiritual, sem aperfeiçoar diretamente os seus próprios membros, como a enérgica sátira de Ariosto nitidamente o assinalou. Salvo os cazos ecepcionais, não se devia contar com a eficácia moral das afeições contrárias à régra, pois que a sua reação sacerdotal era necessáriamente corruptora, sucitando uma hipocrizia habitual.

Mas a comparação diréta das duas espiritualidades, quanto ao seu caráter fundamental, móstra ainda milhór quanto a nóva será mais própria do que a antiga para dezenvolver dignamente, em todas as classes, a influência moral das mulhéres.

O princípio afetivo do pozitivismo é, com efeito, necessáriamente social, ao passo que o do catolicismo não póde ser sinão essencialmente pessoal. Cada crente proseguia aí sempre um fim puramente individual cuja incomparável preponderância tendia a com-

* Vide "O Ano Sem Par" — por R. Teixeira Mendes — p. 748.

primir toda afeição que não se referia a tal fito. Na verdade, a sabiduria sacerdotal, digno órgão do instinto público, havia intimamente ligado a esse objetivo as principais obrigações sociais, a título de condição indispensável da salvação pessoal. Mas essa ecitação indireta não fornecia uma saída regular aos nóssos milhóres sentimentos sinão alterando muito a espontaneidade e mesmo a pureza deles. A recompensa infinita, prometida assim a todos os sacrifícios não podia jamais permitir uma afeição plenamente dezinteressada, que teria ezigido uma renúncia impossível, e aliás sacrílega, a uma inevitável perspectiva, cuja personalidade necessária vinha macular todo devotamento espontâneo. Foi de tal regimen que saiu uma ignóbil teoria moral, tornada tão perigóza entre as mãos dos metafizicos, que conservárão o seu viciozo princípio, anulando os seus corretivos teológicos. Apreciando mesmo a mais perfeita pureza que comportasse realmente o amor de Deus, se reconhéce que esse sentimento não podia ser social sinão de uma maneira indiréta, pela identidade do fito assim assinado a todos os corações. Porém, no fundo, o seu caráter próprio éra a tal ponto egoista, que a sua preponderância ezigia, como tipo da perfeição, o sacrifício completo de toda e qualquér outra afeição. Essa tendência é muito apreciável nos mais eminentes órgãos do espírito e do sentimento cristãos. Éla se manifésta sobretudo na admirável poezia desse monge, tão térno como sublime, que milhor do que ninguem caraterizou o ideal católico. * A minha meditação diária déssa compozição sem par, tão digna de ter sido embelezada pelo nósso grande Corneille, conduziu-me a miúdo a sentir quanto tal regimen havia desnaturado a generozidade natural de um coração que, máu grado tantos entraves, se elança por vezes ao mais puro ardor. E' precizo que a espontaneidade das nóssas afeições plenamente dezinteressadas seja muito mais pronunciada do que nunca se supôz, pois que não cessárão de se dezenvolver sob uma diciplina tão opressiva, que prevaleceu durante doze séculos.

No Pozitivismo, o coração e o espírito se ajudam mutuamente

Em virtude da sua conformidade necessária com o conjunto da nóssa natureza, só o regimen pozitivo póde consagrar o surto diréto, a um tempo privado e público, desse admirável atributo da humanidade, que ficou até aquí no estado rudimentar, por falta de uma digna cultura sistemática. A ecitação católica do coração se achava essencialmente hostil ao espírito, que, do seu lado, tendia necessáriamente a sacudir tal jugo. Pelo contrário, a diciplina pozitiva esta-

* O nósso Méstre refére-se a Tomás de Kempis e ao seu poema intitulado *A Imitação de Cristo*, traduzido em vérso por Corneille. — R. T. M.

beléce naturalmente a harmonia mais complêta e mais ativa entre o sentimento e a razão.

A reflexão tende aí sempre a fortificar a sociabilidade, tornando familiar a ligação real de cada um para com todos. A nóssa inteligência não podendo guardar as impressões que não estão sistematizadas, a auzência de teoria social a impéde ainda de perceber nitidamente essa solidariedade habitual, que só os cazos ecepcionais pódem desvendar-lhe. Porém, a educação pozitiva, na qual domina sempre o ponto de vista social, tornará naturalmente tal apreciação mais familiar do que nenhuma outra, porque toda a nóssa ezistência real, tanto individual como coletiva, se liga incessantemente a esses fenómenos. Só a facinação teológica ou metafizica póde inspirar e acolher essas vans esplicações doutorais em que se atribúi tão a miúdo ao hómem o que não convem sinão à humanidade. Quando uma san teoria permitir vêr nitidamente o que é, cada um não terá sinão de contemplar a sua própria ezistência, fizica, intelectual, ou moral, para sentir continuamente o que déve ao conjunto dos seus predecessores e dos seus contemporâneos. Aquele que se cresse independente dos outros, nas suas afeições, nos seus pensamentos, ou nos seus atos, não poderia siquér formular tal blasfêmia sem uma contradição imediata, pois que a sua linguágem não lhe pertence. A mais alta inteligência é incapaz izoladamente de construir a menor língua, que ezige sempre a cooperação popular de muitas gerações. Seria aqui supérfluo caraterizar mais a evidente tendência do verdadeiro espírito pozitivo a dezenvolver sistemáticamente a sociabilidade, lembrando-nos sempre que só o conjunto é real, as partes não podendo ter sinão uma ezistência abstrata.

Alem déssa feliz reação continua do espírito sôbre o coração, o estado final da humanidade déve proporcionar aos nóssos milhóres sentimentos uma cultura mais pura, mais diréta, e mais ativa do que sob nenhum regimen anterior. E' únicamente assim que as afeições benevolentes pódem ser enfim desprendidas de todo cálculo pessoal. Elas tendêrão a prevalecer, tanto quanto o compórta a nóssa imperfeita natureza, como sendo a um tempo mais satisfatórias e milhór dezenvolvíveis do que todas as outras. Só corações alheios aos terrores e às esperanças teológicas pódem saborear plenamente a verdadeira felicidade humana, o amor puro e dezinteressado, no qual consiste realmente o soberano bem, que tão vanmente as divérsas filozofias anteriores procurárão. A sua preeminência necessária seria assás caraterizada por ésta única observação, cuja confirmação pessoal toda alma sensível achará fácilmente: é ainda mais doce amar do que ser amado. Embóra tal apreciação deva hoje parecer ezaltada, éla é diretamente conforme à nóssa verdadeira naturezá, sempre mais bem afetada como ativa do que como passiva. Óra, a ventura de ser amádo não póde jamais ser izenta de uma vólta egoista: como não ficaríamos orgulhózos de haver obtido o apego da pessoa que prefe-

rimos a qualquér outra? Si, pois, amar nos satisfás milhór, isso constata a superioridade natural das afeições plenamente dezinteressadas. A nóssa enfermidade radical consiste sobretudo em que élas são espontâneamente muito demaziadamente inferiores aos pendores egoistas, indispensáveis à nóssa conservação. Porem, quando uma vês élas fôrão ecitadas, mesmo por um motivo a princípio pessoal, élas têndem a se dezenvolver ainda mais, em virtude da sua própria doçura. Cada um de nós é aliás convidado a isso e secundado por todos os outros, que, ao contrário, comprímem necessáriamente os seus impulsos egoistas. Concébe-se assim como, sem nenhuma ezaltação ecepcional, o regimen pozitivo poderá sistematizar éssas tendências naturais, de maneira a imprimir aos nóssos instintos simpáticos uma atividade habitual que eles não podião ter até aqui. Uma vês desprendido da opressão teológica e da secura metafizica, o nósso coração sente fácilmente que a felicidade real, tanto privada como pública, consiste sobretudo em dezenvolver tanto quanto possível a sociabilidade, concedendo à personalidade apenas as satisfações indispensáveis, a título de enfermidades inevitáveis. E' assim que o pozitivismo convem diretamente a todos os seres e a todas as situações. Nas menóres relações, como para com as mais preciózas, a humanidade regenerada praticará em bréve esta evidente máxima: dar vale mais do que receber.

A seu turno, éssa ecitação continua do coração ezercerá sobre o espírito uma felis reação, especialmente confiada às mulhéres. Eu já a caraterizei assás para estar aqui dispensado de insistir mais nisso, pois que só o sentimento me forneceu o verdadeiro princípio de toda a sistematização pozitiva, mesmo mental. A única observação que deva agora juntar a éssas indicações fundamentais, concérne a admirável aptidão de tal marcha a superar fácilmente as mais altas dificuldades filozóficas. Em nome do coração, póde-se impôr lógo ao espírito um regimen sientifico cuja conveniência ele contestaria longo tempo, si ésta não lhe fosse assinalada sinão por um ezame racional. Tente-se por ezemplo, demonstrar a um puro geômetra, mesmo eminente e concienciozo, a superioridade lógica e sientifica das especulações sociais sobre todas as outras contemplações reais, não se o convencerá sinão após longos esfórços, que terão esgotado as suas faculdades indutivas e dedutivas. Pelo contrário, o sentimento indicará diretamente, ao proletário ou à mulhér, sem cultura, a verdade desse grande princípio enciclopédico, do qual a razão de ambos fará lógo ativas aplicações familiares. E' sómente assim que as altas noções filozóficas pódem verdadeiramente prevalecer por toda parte, e que se póde obter de todos os estudos indispensáveis à sua eficácia social. O instinto simpático é ainda mais próprio para ecitar ativamente o espírito de conjunto do que para sofrer dignamente a justa influência deste. Por isso, quando a educação pozitiva houvér prevalecido, as condições morais serão frequentemente invocadas como garantias da verdadeira aptidão intelectual. A sabiduria revolucionária da Con-

venção presentiu, à sua maneira, tal solidariedade, ouzando colocar algumas vezes os títulos republicanos acima das provas sientificas. Embóra similhante prática se tórne fácilmente iluzória, e mesmo abuziva, enquanto a moral universal não está sistematizada, o reprôche de tendência retrógrada conviria mais ao uzo atual, que não fás concorrer em nada o coração nas garantias profissionais, sempre ezigidas únicamente ao espírito. Porem éssas aberrações se esplicão históricamente, pela natureza opressiva das únicas crenças que hájão podido até aquí prezidir à cultura diréta do sentimento. O fatal antagonismo que dura, desde o fim da idade-média, entre o espírito e o coração, não póde achar saída sinão no regimen pozitivo; nenhum outro é capás de subordinar dignamente a razão ao sentimento, sem prejudicar ao seu próprio surto, como o estabeleci no princípio deste discurso. Na sua van supremacia atual, o espírito é, no fundo, o nósso principal perturbador. Ele não póde tornar-se verdadeiramente orgânico sinão abdicando em proveito do coração. Mas êssa abdicação não compórta eficácia sinão com a condição de ser perfeitamente livre. Óra, o pozitivismo é o único sucetível de tal rezultado, porque o funda sobre o princípio mesmo que a razão invóca em apoio das suas pretenções, a demonstração real, que o espírito não póde recuzar sem confessar a sua personalidade. Qualquér outro remédio, teológico ou metafizico, aumentaria necessáriamente o mal, provocando logo a inteligência a nóvas insurreições contra o sentimento.

Afinidades da mulher com o Pozitivismo

Milhóres juízes do que nós na apreciação moral, as mulhéres sentirão, por êsses divérsos títulos, que a superioridade afetiva do pozitivismo, para com as outras filozofias quaisquér, é ainda mais pronunciada do que a sua preeminência especulativa, doravante incontestável. Élas chegárão em bréve a êssa concluzão, quando cessárem de confundir a nóva filozofia com o seu preâmbulo sientifico.

Embóra o espírito délas seja menos apto do que o nósso para as indução muito gerais e para as deduções multissimo prolongadas, em uma palavra, para todos os esfórços abstratos, ele é, de ordinário, mais bem disposto a sentir éssa combinação da realidade com a utilidade que carateriza a pozitividade. A razão délas aprossima-se muito, a este respeito, da dos proletários, com a comum vantagem de ser felismente estranha à nossa absurda educação atual. Porem, élas têm de mais do que o povo uma situação normal favorabilíssima ao justo surto espontâneo da vida contemplativa, em virtude da sua independencia habitual do movimento prático. Nesse sentido, o espírito délas se acha naturalmente disposto para a san filozofia, que ezige uma atenção dezinteressada sem indiferença. A sua afinidade mental com os verdadeiros filózofos é, no fundo, muito superior à dos sientistas própriamente ditos, porque a generalidade é tão saboreada por élas como a pozitividade, única apreciada, e isso grossiramente, por aqueles. Foi às mulhéres que Molière destinou a admirável fórmula racional que eu apliquei aos proletários. * Por isso o primeiro esboço sistemático da nóva filozofia, sob o grande impulso de Descartes, foi ávidamente acolhido já pelo espírito feminino. Essa afinidade fundamental manifestou-se altamente, embóra a sinteze pozitiva devesse interdizer-se ainda todas as altas especulações morais e sociais. Poderia, pois, éla não se dezenvolver muito quando o pozitivismo, enfim completo, tem para principal domínio o assunto mais digno das meditações de ambos os séxos?

A nóva filozofia póde assim contar o espírito feminino como a razão popular entre os aussiliares naturais sem os quais éla não sobrepujaria jamais as profundas repugnâncias das nóssas classes cultivadas, sobretudo em França, onde o seu surto decizivo déve entretanto consumar-se.

O Catolicismo purificou o amor em detrimento da ternura

Porem, éssa indispensável assistência dependerá mais das simpatias morais do que das afinidades intelectuais, logo que as mulhéres apreciárem diretamente o pozitivismo, em virtude da sua superioridade afetiva sobre o catolicismo da idade-média. O coração as impelirá então sobretudo para a única filozofia que sistematiza dignamente a universal proponderância do sentimento. Nenhum regimen póde inspirar-lhes tanto atrativo como aquele que as reprezenta como a personificação espontânea do verdadeiro princípio fundamental da unidade humana, assim colocada sob a garantia especial délas. Si élas parécem hoje ter saudades do passado, é únicamente por não achárem alhures a justa satisfação dos seus preciózos instintos sociais. O caráter geral do regimen católico convem, no fundo, ainda menos ao sentimento feminino do que à razão masculina, porque ele chóca diretamente o atributo dominante do coração da mulhér. Na pretendida perfeição moral do cristianismo, sempre se confundiu a ternura com a pureza. Na verdade, o amor não póde ser profundo si não fór puro. Porem, é só nesse sentido que o regimen católico favoreceu o surto da verdadeira paixão, ao passo que o politeísmo consagrava sobretudo os apetites. O cristianismo provou aliás demaziado que a pureza, levada mesmo até ao fanatismo, póde ezistir sem nenhuma ternura. Tal é hoje a sua principal eficácia feminina, desde que o impulso cavalheiresco não corrige mais a austeridade cristan. No fundo, o regimen politéico era muito mais favorável à ternura, embóra ésta carecesse então de pureza. A sistematização católica dos sentimentos tinha para centro uma afeição radicalmente egoista, que chocava sobretudo os milhóres pendores do coração feminino. Além de que o

* Aluzão ao vérso — *Consinto em que a mulhér de tudo tenha luzes* — que o nósso Méstre aplicou aos proletários na terceira parte deste discurso, p. 184. — R. T. M.

amor divino impelia alí cada um ao izolamento monástico, a sua preponderância éra dirétamente opósta à ternura mutua. Forçado a amar a sua dama através do seu deus, o cavalheiro não podia seguir dignamente, sem uma contradição sacrílega, as milhóres inspirações do seu coração, sempre amortecidas por tal interpozição. Assim, longe de estárem verdadeiramente interessadas na perpetuidade do regímen antigo, as mulhéres sentir-se-ão em bréve impelidas especialmente ao seu irrevogável dezuzo, em nome mesmo dos seus sentimentos caracteristicos: Éssa inevitável tendência se manifestará quando as condições morais, naturalmente colocadas sob a justa solicitude délas, não estivérem mais comprometidas por uma sociabilidade de todo material. Óra, o pozitivismo oferéce plenamente, ao seu coração ainda milhór do que ao seu espírito, éssa indispensável garantia. Em virtude de um profundo conhecimento da nóssa verdadeira natureza, só ele póde combinar dignamente a ingênua ternura do politeismo com a precióza pureza do catolicismo, sem temer as divérsas perturbações sofísticas peculiares à anarquia atual. Subordinando uma a outra éssas duas qualidades fundamentais do coração feminino, êle não hezitará em colocar a ternura acima da pureza, como se referindo milhór ao verdadeiro fim geral do aperfeiçoamento humano, a preponderância da sociabilidade sôbre a personalidade. Toda mulhér sem ternura constitúi uma monstruozidade social, tanto como todo hômem sem corágem. Tenha éla embóra aliás muita inteligência, e mesmo energia, o seu mérito não poderá desde então sinão redundar, de ordinário, em seu próprio detrimento e no de óutrem, a menos de ser anulado por uma diciplina teológica. O seu caráter não lhe inspirará sinão uma vã insurreição contra toda autoridade real, e o seu espírito não se ocupará sinão em forjar sofismas subversivos, como a nóssa anarquia o móstra demaziado a miúdo.

Influencia da mulher sobre os proletarios e os filózofos

Em virtude do conjunto da teoria precedente, o regímen pozitivo oferéce pois às mulhéres uma nóbre destinação social, a um tempo pública e privada, plenamente confórme à verdadeira natureza délas. Sem sair da família, élas dévem, à sua maneira, participar do poder moderador com os filózofos e os proletários, renunciando, aínda milhor do que eles, a todo poder diretor, mesmo doméstico. Élas constitúem, em uma palavra, as sacerdotizas espontâneas da Humanidade, como o indicarei mais no fim deste discurso. O seu ofício consiste sobretudo em cultivar dirétamente o princípio afetivo da unidade humana, cuja mais pura personificação élas oferécem especialmente.

A esse título, a sua influência pública déve estender-se a todas as classes quaisquér, para lembrar a éstas sempre a preponderância fundamental do sentimento sobre a razão e a atividade. Já indiquei assás como élas reagirão assim sobre os filózofos, que, a menos de sêrem indignos da sua própria missão, sentirão a necessidade pessoal de ir a miúdo retemperar a sua alma néssa fonte espontânea da verdadeira sociabilidade, afim de milhór combater a secura e a divagação que pódem rezultar dos seus hábitos. O sentimento tende por si-mesmo, quando é puro e profundo, a retificar os seus abuzos naturais, porque estes prejudícão necessáriamente o bem que ele prosegue sempre. Mas, ao contrário, os abuzos da razão e os da atividade não pódem ser assinalados, e sobretudo corrigidos, sinão pelo amor, que é o só a sofrer dirétamente com eles. Daí rezulta um dever natural de doce ezortação habitual do elemento feminino para com os outros dois elementos do poder moderador, afim de os reduzir ao princípio fundamental, confiado à sua guarda especial, corrigindo, em cada um deles, os vícios aos quais ele é inclinado.

Quanto aos proletários, éssa influência feminina é, pois, destinada sobretudo a combater a sua tendência espontânea a abuzar da sua energia caraterística afim de obtêrem pela violência o que deverião esperar de um livre assentimento. Apezar das dificuldades de tal missão, as mulhéres acharão aí menos obstáculos do que em retificar nos filózofos o abuzo do raciocínio. Ha poucos ezemplos até aquí de filózofos assim desviados de argumentar quando cumpre sentir. Ao contrário, embóra a ação feminina não esteja hoje nada sistematizada, éla corrige freqüentemente, no povo, o abuzo da energia. Éssa diferença provêm, sem dúvida, da auzência atual de verdadeiros filózofos, pois que não se póde qualificar assim vãos sofistas e retóricos, psicólogos ou ideólogos, incapazes de nenhuma meditação real. Porem, alem disso, é precizo sobretudo atribuir tal feto ao caráter dominante de cada classe. O orgulho doutoral estará sempre menos disposto do que a violência popular à eficácia do corretivo feminino. Porque o proletário se acha mais bem animado do que o filózofo pelo princípio afetivo, cuja invocação diréta constitúi a única arma das mulhéres. Um sofisma lhes oferéce muito mais obstáculos do que uma paixão. A influência feminina, dignamente suportada pelo instinto proletário, constitúi realmente a nóssa principal garantia contra as imensas perturbações sociais que a anarquia atual das inteligências paréce dever sucitar. Embóra o espírito não póssa retificar sofismas subversivos, o coração sabe nos prezervar das dezórdens que eles provócão. A admirável inconsequência pela qual felicitei os nóssos comunistas oferéce uma próva deciziva disso.* No meio das aberrações teóricas que têndem involuntáriamente a dissolver ou a paralizar a sociedade, numerózos proletários nos oferécem assim o espetáculo diário de uma térna veneração para com as mulhéres, a qual não tem eqüivalente em nenhuma outra classe. Impórta insistir nesses felizes ezemplos, não sómente para render justiça a uma seita mal apreciada,** mas sobretudo afim de sentir os

---

* O nósso Méstre se refére ao fato dos comunistas modérnos regeitárem a comunidade das mulhéres e dos filhos, limitando-se a proclamar a comunidade dos bens. Vide a terceira parte deste discurso, ps. 152-153. — R. T. M.

** O nósso Méstre alude aquí ao *Comunismo*. — R. T. M.

grandes recursos morais que nos prométe o porvir normal, a vista déssas manifestações espontâneas de um estado anárquico. As prédicas doutorais não tivérão, por cérto, nenhuma parte nesse preciozo rezultado, que élas têndem antes a impedir, fortificando, por absurdas refutações, as próprias aberrações que atácão. Nós somos devedores de tal inteiramente ao sentimento popular, dignamente ecitado sob o impulso espontâneo das mulhéres. As populações protestantes, onde a influência délas é menór, estão hoje mais espóstas às devastações práticas do comunismo metafízico. Às mulhéres sobretudo devemos tambem as poucas lezões reais que esperimenta a constitüição da família humana, apezar de um republicanismo, profundamente retrógrado, que sonha, como tipo da sociabilidade modérna, a absorção ecepcional da família pela pátria em algumas povoações antigas.

Essa felís tendência à retificação prática de todas as aberrações morais é a tal ponto peculiar às mulheres que éla se estende mesmo às seduções sistemáticas que a grosseria masculina julga irrezistiveis. Os funéstos efeitos do divórcio são atenuados, ha três séculos, na Alemanha protestante, pelas repugnâncias espontâneas do instinto feminino. E' assim que se áchão contidos hoje os ataques ainda mais profundos de que está ameaçada a institüição fundamental do cazamento, em virtude das facilidades que a nóssa anarquia oferéce ao espírito metafízico para rejuvenecer as suas antigas divagações. Nenhum desses sonhos póde sériamente prevalecer entre as mulhéres, embóra todos parêção muito próprios para seduzi-las. Na sua impotência para refutar tais sofismas, que só a verdadeira siência social póde rezolver, os nóssos doutores anárquicos se persuádem fácilmente que a razão feminina deverá sucumbir a eles. Porem, felismente, as mulhéres, como os proletários, não júlgão então sinão pelo sentimento, que as guia bem milhór do que uma inteligência desprovida agóra de todo princípio apropriado para prevenir ou corrigir as suas iminentes aberrações.

Seria aquí supérfluo insistir mais sobre tais indicações para caraterizar a aptidão natural das mulhéres a retificar por toda parte as dezórdens morais peculiares a cada elemento social. Si éssa precióza influência é já muito eficás só sob o impulso espontâneo do coração, éla déve adquirir muito mais consistência, e mesmo estensão, com a assistência sistemática de uma filozofia real que afastará todos os sofismas, e dissipará todas as incoerências, das quais o puro instinto não póde nos prezervar assás.

Assim, a influência das mulhéres sôbre a vida pública não déve ser únicamente passiva, para conceder a sua indispensável consagração à verdadeira opinião comum, formulada pelos filózofos, e proclamada pelos proletários. Alem déssa participação continua, individual ou coletiva, élas dévem pois ezercer uma ativa intervenção moral, afim de lembrar por toda parte o princípio fundamental, de que serão sempre os milhóres órgãos espontâneos depois de havêrem

fornecido a fonte inicial dele. Porem, para acabar de caraterizar esse duplo ofício público, impórta notar a sua conciliação natural com a condição necessária que lhes prescréve sempre uma ezistência essencialmente doméstica.

O salão permite à mulher exercer sua influencia social

A civilização ocidental achou, há longo tempo, uma saída espontânea para éssa aparente contradição, que os antigos devião julgar insolúvel, e que, de fato, subziste ainda por toda parte alhures. Depois que os costumes da idade-média houvérão assegurado às mulhéres uma justa liberdade interior, o Ocidente viu em bréve surgirem felizes reüniões voluntárias, nas quais a vida pública se méscla intimamente com a vida privada, sob a prezidência feminina. Dezenvolvidos, sobretudo em França, durante a longa tranzição modérna, esses laboratórios periódicos da opinião espontânea parécem hoje fechados ou desnaturados, em consequência da nóssa anarquia mental e moral, que não permite nenhuma livre tróca habitual dos sentimentos e dos pensamentos. Porem um uzo tão social, que ha pouco secundou muito o movimento filozófico donde rezultou a grande crize, não póde assim dezaparecer em um meio no qual a verdadeira sociabilidade tende, ao contrário a milhór prevalecer. Ele retomará uma estensão mais vasta e mais deciziva, à medida que a nóva filozofia congraçar os espíritos e os corações.

Tal é o módo natural que só convem ao ezercício público da influência feminina, aí dignamente preponderante, com o pleno assentimento de todos os outros. Quando os salões estivérem assim reorganizados, eles perderão o seu antigo caráter aristocrático, doravante tornado profundamente retrógrado. O salão pozitivista, sempre prezidido pela mulhér, completará o sistema de reüniões habituais peculiar aos três elementos gerais do poder moderador. Eles serão primeiro congregados solenemente nos templos da Humanidade, onde prezídem necessáriamente os filózofos, ao passo que a participação das mulhéres, como a dos proletários, déve então permanecer sobretudo passiva. Nos clubs, onde o elemento popular domina naturalmente, os outros dois virão ainda juntar-se a ele, por uma assistência simpática porem silencióza. Enfim, os salões femininos dezenvolverão uma intimidade mais ativa e mais familiar entre as três potências moderatrizes, que aliás acolherão aí cordialmente as influências diretoras dignas de tal conjunto. E' aí sobretudo que as mulhéres farão livremente prevalecer a sua doce diciplina moral, para reprimir, no estado nacente, todos os impulsos viciózos ou abuzivos. Um avizo indiréto, porem oportuno e afetuozo, afastará então a miúdo o filózofo de uma ambição estraviada ou de uma orgulhóza divagação. Os corações proletários purificar-se-ão aí habitualmente dos gérmens renacentes de violência ou invéja, sob uma irrezistível solicitude, cuja santidade eles apreciarão. Mediante uma delicada repartição do elogio e da censura os mais bem apreciados, os grandes e

os ricos virão aí sentir sincéramente que todas as superioridades quais quer são moralmente destinadas ao serviço contínuo das inferioridades.

A ação principal da mulher se ezercerá sempre na família

Por maiór que seja a importância real do ofício público assim rezervado às mulhéres, no regímen final da humanidade, a sua nóbre destinação social é sobretudo caracterizada pela sua augusta vocação doméstica, fonte natural de toda a sua influência como primeiro elemento necessário do poder moderador. Nenhuma filozofia atual póde dignamente consagrar essa baze espontânea da nóssa verdadeira sociabilidade. A metafízica estendeu até lá a sua análize corroziva, sem que os seus sofismas sêjão hoje racionalmente refutáveis. Porem os dógmas domésticos não sófrem menos do empirismo teológico, obstinando-se a retê-los sob a dezastróza proteção de crenças decaídas que, há longo tempo, comprométem tudo que outróra garantião. Os cantos licenciózos dos trovadores nos atéstão que, desde o fim da idade-média, os vãos protéstos do sacerdócio érão impotentes contra os graves ataques que uma crítica superficial dirigia já contra a santidade do laço conjugal. Éssas reclamações pudérão ainda menos impedir em seguida o escandalozo acolhimento que obtivérão por toda parte éssas frívolas mássimas da imoralidade privada, públicamente aplaudidas, mesmo na prezença dos reis. Não é, pois, mais chocante do que a céga pretenção da teologia a conservar a tutéla dos dógmas domésticos, que éla não póde prezervar de uma discussão anárquica, e que não são verdadeiramente sustentados, entre os modérnos, sinão por um felís instinto público, sobretudo feminino. Sem nenhuma outra sanção sistemática sinão uma ridícula ficção sobre a orígem física da mulhér, como terião eles rezistido a especiózos sofismas, quando a autoridade que os consagrava ficou tambem éla mesma dezacreditada? Dóravante só a filozofia pozitiva póde garantí-los a um tempo contra a dissolução metafízica e contra a impotência teológica, pela inalterável ligação deles ao conjunto das leis reais da nóssa natureza, pessoal e social. Esta relação será dogmaticamente estabelecida no segundo volume do novo tratado do qual este discurso é sómente o prelúdio sistemátiço. Forçado aquí a limitar-me a uma sumária indicação sobre esse assunto fundamental, espéro pelo menos que ela caraterizará a aptidão deciziva do pozitivismo a reorganizar enfim a verdadeira moralidade.

Uma grosseira apreciação, brutalmente formulada pelo herói retrógrado,* paréce hoje não reconhecer à mulhér outra vocação necessária sinão a sua única destinação animal, donde muitos utopistas destacarião mesmo a educação dos filhos, então abandonados à abstrata solicitude da pátria. A teoria pozitiva do cazamento e da família consiste sobretudo em tornar o principal ofício feminino plenamente independente de toda função propagadora, para fundá-lo diretamente sobre os mais eminentes atributos da nóssa natureza.

* Aluzão ao primeiro Bonaparte. — R. T. M.

Apezar da importância moral da maternidade, um equívoco decizivo testemúnha que o instinto público considéra a mulhér como essencialmente caraterizada pela sua vocação de espoza. Álem de que o cazamento humano é muitas vezes estéril, uma indigna espoza não póde ser quázi nunca uma boa mãe. E' pois, a todos os respeitos, como simples companheira do homem, que o pozitivismo déve sobretudo apreciar a mulher, afastando a princípio toda função materna.*

A espoza

Assim concebido, o cazamento constitúi o gráu mais elementar e mais perfeito da verdadeira sociabilidade, que não póde chegar em nenhum outro cazo a uma plena identificação. Néssa união, cuja ecelência todas as línguas civilizadas testemúnhão, o mais nóbre fim da vida humana se acha atingido tanto quanto póde sê-lo. O pozitivismo reprezenta a nossa ezistência como votada ao aperfeiçoamento universal, e ele eléva ao primeiro rango** o aperfeiçoamento moral, caraterizado sobretudo pela subordinação da personalidade à sociabilidade. Óra, esse princípio incontestável, especialmente indicado na segunda parte deste discurso, condús logo à verdadeira teoria do cazamento, de maneira a interdizer toda aberração e toda incerteza.

Com efeito, as diferenças naturais dos dois séxos, felísmente completadas pelas suas diversidades sociais, tórnão cada um deles indispensável ao aperfeiçoamento moral do outro. No hômem, dominão evidentemente as qualidades peculiares à vida ativa, com a aptidão especulativa que lhe é inseparável. Pelo contrário, a mulhér é sobretudo votada à vida afetiva. Uma é superior em ternura, como o outro para todos os gêneros de força. Nenhuma intimidade póde se comparar a de dois entes tão dispóstos a se servirem e a se melhorárem mútuamente, ao abrigo de toda rivalidade habitual. A fonte plenamente voluntária da sua união a fortifica por um novo atrativo, quando as escolhas são felísmente feitas e dignamente aceitas. Tal é, pois, na teoria pozitiva, a principal destinação do cazamento: completar e consolidar a educação do coração, dezenvolvendo as mais puras e mais vivas de todas as simpatias humanas.

Sem dúvida, o sentimento conjugal emana primeiro, sobretudo no hômem, de um instinto sexual, que é puramente egoista, e sem o qual, todavia, a afeição mútua teria, de ordinário, demaziado pouca energia. Mas o coração mais amante da mulhér tem muito menos precizão, em geral, dessa grosseira ecitação. Desde então, a sua pureza superior reage felísmente para enobrecer o apego masculino.

* Vide, a este respeito, a POLÍTICA, IV, ps. 290 a 305. Aí o nósso Méstre compléta a sua feminina mostrando a preponderância da função matérna no conjunto da missão santificadora peculiar à Mulhér. — R. T. M.

** Neologismo introduzido pelo Cid. Miguel Lemos. — R. T. M.

A ternura é, em si-mesma, tão doce de esperimentar-se, que, quando éla começou sob um impulso qualquér, tende a perzistir pelo seu próprio encanto, após a cessação da estimulação inicial. Então a união conjugal tórna-se o milhór tipo da verdadeira amizade, que uma incomparável pósse mútua embeléza. Pois a amizade não póde ser compléta sinão de um séxo para outro, porque então sómente éla se acha izenta de toda concurrência atual ou possível. Nenhuma outra ligação voluntária compórta uma plenitude assimelhável de confiança e de abandono. Tal é, pois, a única fonte onde possamos saborear inteiramente a verdadeira bem-aventurança humana, consistente sobretudo em viver para ôutrem.

Mas, além do seu próprio valor, éssa santa união toma uma nóva importância social, como primeira baze indispensável do amor universal, fito definitivo da nóssa educação moral. Indiquei, na segunda parte, quanto é falsa e perigóza a opozição que tantos pretensos socialistas vêm hoje entre esses dois termos estremos da evolução do coração humano. Aquele que não póde apegar-se profundamente ao ente que havia escolhido para a mais íntima associação, parecerá sempre muitissimo suspeito no devotamento que ostenta para com uma multidão desconhecida. O nósso coração não póde libertar-se dignamente da sua personalidade primitiva, sinão pela única intimidade que seja compléta e durável, em razão mesmo da sua destinação escluziva. Dado esse passo decizivo, ele se eléva gradualmente a uma sincéra universalidade de afeição habitual, própria para modificar ativamente a conduta, embóra com uma energia decrecente à medida que o laço se estende. O instinto público sente já essa solidariedade necessária, claramente indicada pela verdadeira teoria da natureza humana, que a colocará definitivamente ao abrigo de todo ataque metafizico. Quanto mais sistemático se tornar o império moral da mulhér, mediante o impulso pozitivista, tanto mais bem se apreciará a profunda sabiduria do uzo vulgar que procurou sempre na vida privada as milhóres garantias da vida pública. Um dos sinais menos equivocos da universal decompozição moral inherente à nossa anarquia mental, ressalta da vergonhóza legislação, não revogada ainda, segundo a qual, ha vinte anos, toda a vida privada foi *murada* em França, por psicólogos que, sem dúvida, tinhão precizão de tal muro.

Cazamento indissoluvel

Basta haver apanhado a principal destinação do laço conjugal para compreender lógo as suas condições necessarias, em relação às quais a intervenção social não tende, em geral, sinão a consolidar e a aperfeiçoar a órdem natural.

Primeiro que tudo, éssa união fundamental não póde atingir o seu fim essencial sinão sendo ao mesmo tempo escluziva e indissolúvel. Esses dois caractéres lhe são a tal ponto peculiares que as ligações ilegais mesmas têndem a manifestá-los. Só a auzência atual de todos os princípios morais e sociais permite compreender que se

tenha ouzado erigir doutoralmente a inconstância e a frivolidade das afeições em garantias essenciais da felicidade humana. Nenhuma intimidade póde ser profunda sem concentração e sem perpetuidade; pois a só idéia da mudança a provóca então. Entre dois entes tão divérsos como o hômem e a mulhér, é porventura demaziado a nossa curta vida para se bem conhecêrem e se amárem dignamente? Entretanto, os corações são, de ordinário, tão versáteis que a sociedade déve intervir afim de evitar irrezoluções ou variações cujo livre curso tenderia a fazer degenerar a ezistência humana em uma deplorável série de ensaios, sem saída como sem dignidade. O instinto sexual não póde tornar-se um poderozo meio de aperfeiçoamento sinão sob uma constante e sevéra diciplina, cuja necessidade seria assás confirmada contemplando, fóra da grande república ocidental, as numerózas populações que ainda não pudérão instituí-la suficientemente. Em vão se tem pretendido reduzir a uma simples condição de clima a escolha entre a poligamia e a monogamia. Essa frivola hipóteze é tão contrária à observação universal como à san teoria da humanidade. Aperfeiçoando sempre a instituïção do cazamento, assim como qualquér outra, por toda parte a nóssa espécie parte da mais completa poligamia e tende para a mais perfeita monogamia. Ao nórte, como ao sul, encontra-se o estado poligamo, remontando assás o curso das idades sociais: ao sul, como ao norte, o estado monogamo prevaléce à medida que a sociabilidade se dezenvólve; o próprio oriente já o está tocando hoje, nas suas populações mais ocidentalizadas.

A monogamia ocidental constitúi, pois, uma das mais preciózas instituïções que devamos à idade-média. Éla contribuiu talvês mais do que nenhuma outra para a esplêndida superioridade social da grande família modérna. Embóra o divórcio a tenha gravemente alterado nas populações protestantes, essa aberração temporária é aí muito contida pelas santas repugnâncias do sentimento feminino e do instinto proletário, que limitão os seus estragos às classes privilegiadas. A recrudecência empírica da metafizica oficial póde hoje sucitar alguns receios sérios sobre a estenção franceza de tal flagélo. Mas a san filozofia chega a tempo para conter essencialmente éssas tendências efêmeras e facticias, radicalmente contrárias ao conjunto dos costumes modérnos. Essa luta póde ser dirigida de maneira a apressar o advento da san teoria conjugal. O positivismo tem tanto mais lugar de contar com isso quanto o seu espírito, sempre sábiamente relativo, lhe permite fazer, sem nenhuma inconsequência enervante, concessões ecepcionais, que o caráter necessáriamente absoluto de toda doutrina teológica interdizia. Só tal filozofia póde conciliar a indispensável generalidade das divérsas régras morais com as eceções motivadas que todas as prescrições práticas ezigem.

Viuvez eterna

Mas, longe de nada ceder assim às tendências anárquicas, éla aperfeiçoará a unidade fundamental do cazamento humano, fazendo

consagrar pelos nóssos costumes, embóra sem nenhuma van injunção legal, o dever da viuvês etérna, complemento final da verdadeira monogamia. O instinto vulgar sempre honrou, mesmo no hômem, éssa escrupulóza concentração do coração. Nenhuma doutrina foi todavia assás pura até aquí, ou assás enérgica, para ouzar impô-la. Em virtude do acedente superior que é proporcionado por uma plena sistematização, sempre dispósta a motivar as suas decizões sobre o conjunto das leis reais, o pozitivismo prescreverá fácilmente a todas as almas delicadas uma obrigação complementar que decórre do mesmo princípio que a régra fundamental. Pois que, si o cazamento pozitivista é sobretudo destinado a aperfeiçoar o coração humano, a viuvês tórna-se uma consequência natural da unidade do laço. O olvido de toda moralidade sistemática impéde hoje de sentir a grandeza moral inherente a éssa constância póstuma, que tantas mulhéres praticárão outróra dignamente. Mas um profundo conhecimento da nóssa verdadeira natureza reprezenta tal consagração como uma precióza fonte de aperfeiçoamento, fácilmente realizável, mesmo na mocidade, entre os hômens nóbremente organizados. Com efeito, a viuvês voluntária oferéce, ao espírito e ao corpo tanto como ao coração, todas as vantágens essenciais da castidade, sem espôr aos graves perigos morais do celibato. Éssa etérna adoração de uma memória que a mórte torna mais tocante e mais fixa permite a toda grande alma, sobretudo filozófica, votar-se milhór ao serviço ativo da Humanidade, utilizando aí a precióza reação pública de uma digna afeição privada. Assim, a verdadeira felicidade individual concórre com o bem comum para prescrever tal dever a todos aqueles que apreciáo sanmente uma e outro.

Esse santo prolongamento do mais perfeito dos vínculos, alem da íntima satisfação que proporciona sempre, achará aliás uma recompensa natural em uma estensão ainda superior. Si a ligação sobreviveu a um, porque a gratidão pública não a garantirá tambem depois do outro, envolvendo no mesmo ataúde esses corações que a mórte não póde disunjir? Éssa solene eternização de um digno cazamento poderia algumas vezes ser decernida de antemão, quando os verdadeiros órgãos do sentimento público a julgásseu assás merecida. Éla ecitaria então a nóvos serviços aquele que visse nisso o penhor assegurado da plena identificação final das duas memórias. O passado nos oferéce já alguns ezemplos espontâneos de tal solidariedade, como entre Dante e Beatris, ou Laura e Petrarca. Mas esses cazos ecepcionais não pódem dar uma justa idéia dessa nova instituïção, que pareceria assim limitada a eminentes anomalias. Ligando por toda parte a vida privada à vida pública, alem de toda possibilidade anterior, a regeneração final permitirá aplicar a mesma recompensa a todos os corações que a houvérem merecido, entre os límites locais da sua própria apreciação.

Eis como a ternura pozitivista achará naturalmente preciózas consolações, sem lamentar quiméras que dóravante degrádão tanto o coração como o espírito. A superioridade moral do novo regímen

se manifésta, mesmo a este respeito, em que ele não consóla sinão fortificando o vínculo. Pois que, as consolações cristans tão preconizadas dispõe a outras uniões, que altérão a principal eficácia do cazamento, e que mesmo sucitão uma ambigüidade de afeição pouco compatível com a vaga utopia teológica. Até o pozitivismo, nenhuma doutrina havia dogmaticamente prescrito a viuvês, nem instituído a comunidade de ataúde, como o duplo complemento estremo da monogamia humana. E' aperfeiçoando assim a nóssa grandeza moral que a nóva filozofia déve sempre responder a prevenções estúpidas ou a infames calúnias.

O pozitivismo tórna pois a teoria do cazamento independente de toda destinação física, reprezentando esse vínculo fundamental como a principal fonte de aperfeiçoamento moral, e, por consequência, como a baze essencial da verdadeira felicidade humana, tanto pública como privada. Essa purificação sistemática tem tanto mais valor, quanto, sem supôr nenhuma ezaltação ecepcional, éla rezulta sómente de um estudo aprofundado da humanidade. Toda a eficácia pessoal e social do cazamento seria assim realizável em uma união que, embóra mais térna, permanecesse sempre tão casta como o laço fratérno. Apezar do instinto sexual ser ordináriamente indispensável, sobretudo no homem, para a ternura inicial, a afeição póde se dezenvolver sem que ele se satisfaça. Contanto que a renúncia se ache, de parte a parte, assás motivada, éla estimula mais o apego mútuo.

A mãe

Depois de haver assim apreciado a destinação própria do cazamento, independentemente de toda a maternidade, a teoria sociológica da mulher déve se completar concebendo o ofício matérno como uma estensão necessária da missão moral que caraterriza a espoza.

Sob esse novo aspéto, o pozitivismo reléva ainda a dignidade feminina, atribuindo à mãi a principal direção do conjunto da educação doméstica, da qual a educação pública não constitúi em seguida sinão o complemento sistemático, segundo as indicações da terceira parte.

A educação da creança cabe à sua mãe

Ésta decizão filozófica rezulta do princípio fundamental que, no estado normal da sociedade geral, confia necessáriamente a educação ao poder espiritual, que a mulhér reprezenta naturalmente no seio de cada família. Tal régra não chóca os preconceitos atuais sinão em virtude da tendência revolucionária do espírito a prevalecer sobre o coração, desde o fim da idade-média. Os modérnos fórão assim conduzidos a descurar de mais em mais a parte moral da educação, para se preocupárem desmezuradamente da sua parte intelectual. Mas, terminando o estado revolucionário pela preponderância sistemática do coração sobre o espírito, o pozitivismo restitúi a educação moral

a sua preeminência natural, como o indiquei acima. Desde então, as mulhéres, que serião, com efeito, pouco apropriadas para dirigir a instrução atual, retomarão, milhór do que na idade-média, a prezidência geral de uma educação na qual a moral dominará sempre, e onde, até a puberdade, os únicos estudos seguidos se reduzirão a ezercícios estéticos. Os nóssos cavalheirescos avoengos érão, de ordinário, criados assim sob o acendente feminino, e por certo sem por isso ficar amolecidos. Si, pois, tal preparação convem a guerreiros, como poder-se-ia receiá-la para com uma sociedade pacífica? Os hômens não são indispensáveis sinão para a instrução, tanto teórica como prática. Quanto à educação moral, os filózofos não deverão apoderar-se déla, como o indiquei, sinão na idade em que éla se tórna sistemática, isto é, durante os últimos anos que precédem à maioridade. Mesmo a principal influência moral deles se ha de ezercer sobre os hômens feitos para conduzi-los na ezistência real, quer privada, quer pública, a uma justa aplicação especial dos princípios inculcados na juventude. Toda a moral espontânea, isto é, a educação dos sentimentos, aquéla que, no fundo, mais aféta o conjunto da vida, déve depender essencialmente das mãis. E' sobretudo a esse título que impórta deixar sempre o aluno no seio de sua família, suprimindo os cláustros escolásticos, como o propús.

A preeminência natural das mulhéres para esse ofício fundamental será sempre respeitada profundamente pelos verdadeiros filózofos. Eles não esquecerão nunca que os entes mais simpáticos são necessáriamente os mais próprios para dezenvolver em outrem as afeições que dévem prevalecer. Consagrando a sabiduria vulgar, a filozofia pozitiva representará sempre a cultura do coração como mais importante do que a do espírito. A sua realidade caraterística a impéde de ezagerar jamais a eficácia da sistematização, e de menosprezar as condições essenciais désta. Não se póde verdadeiramente sistematizar, sobretudo em moral, sinão o que preeziste espontâneamente. Assim, nada dispensa de um surto próprio e diréto dos diversos sentimentos humanos, anterior a toda diciplina filozófica. Esse ofício fundamental, que coméça com a vida, e que permanéce durante todo o curso do dezenvolvimento físico, pertence necessáriamente às mulhéres. A aptidão délas é tal, a este respeito, que, em falta da mãi, uma estranha bem escolhida conviria milhór, de ordinário, do que o próprio pai, si éla pudésse assás incorporar-se à familia. Só almas nas quais o sentimento domina pódem compreender-lhe dignamente a importância. Só élas sábem realmente que a maioria dos atos humanos, sobretudo na idade jóvem, dévem muito menos ser apreciados em si-mesmos do que pelas tendências que manifestão e os hábitos que sucitão. Em relação ao sentimento, não há ações indiferentes. Assim julgados, os menóres atos da criança pódem assistir o duplo preceito fundamental de toda a educação pozitiva, tanto espontânea como sistemática, dezenvolver a sociabilidade, e amorrecer a personalidade. As ações pouco importantes são mesmo as mais próprias para permitir primeiro a san apreciação dos sentimentos correspondentes, sobre os quais a observação póde então milhór concentrar-se, sem ser distraída por circunstâncias especiais. Alem disso, é sómente em virtude de pequenos esfórços que a criança póde começar a difícil aprendizágem da luta interior que dominará toda a sua vida, para subordinar gradualmente os impulsos egoistas aos instintos simpáticos. Sob esses divérsos aspétos, o preceptor mais eminente, mesmo pelo coração, estará sempre abaixo de toda digna mãi. Embóra ésta póssa ser incapás de formular ou de motivar as suas decizões habituais, a eficácia final fará ordináriamente ressaltar a superioridade real da sua diciplina moral. Nenhum outro regimen poderia apanhar tanto as ocaziões próprias para caraterizar, sem afetação, o encanto natural dos bons sentimentos e a inquietude vinculada às inspirações egoistas.

Esta teoria sociológica da mãi vem naturalmente ligar-se à da espoza, pois que a preponderância matérna, apezar do seu decrécimo espontâneo, continúa a dirigir o surto do coração até a idade ordinária do cazamento. Então, o hômem, educado involuntáriamente pela mulhér, contrái para com éla, para todo o résto da sua carreira, uma subordinação voluntária, que compléta a sua educação moral. O ente destinado à ação vem fazer consistir a sua principal ventura em sofrer dignamente o salutar acendente do ente votado à afeição.

O ofício fundamental, ao mesmo tempo privado e público, assinado à mulher no regimen pozitivo, não constitui, pois, a todos os respeitos, sinão um vasto dezenvolvimento sistemático da sua própria natureza. Uma vocação tão homogênea e tão determinada não póde deixar nenhuma grave incerteza sobre a pozição social correspondente. Nenhum outro cazo essencial póde milhór confirmar este princípio universal da arte humana: a órdem artificial consiste sempre em consolidar e milhorar a órdem natural.

Sofismas modernos sobre os direitos da mulher

Todas as idades de tranzição têm sucitado, como a nóssa, aberrações sofísticas sobre a condição social das mulhéres. Mas a lei natural que assina ao séxo afetivo uma ezistência essencialmente doméstica, jamais foi gravemente alterada. Essa lei é a tal ponto real, que sempre prevaleceu espontâneamente, embóra os sofismas contrários ficássem sem refutação suficiente. A órdem doméstica rezistiu aos subtis ataques da metafizica grega, então animada de uma vérve juvenil, e agindo sobre espíritos incapazes de nenhuma defeza sistemática. Não se póde, pois, conceber hoje receios sérios, vendo surgirem, da nóssa profunda anarquia mental, algumas vans reproduções das utopias subversivas contra as quais a energica sátira de Aristófanes sobrelevava assás o instinto público. Embóra a auzência de todos verdadeiros princípios sociais seja agóra mais compléta do que durante a tranzição do politeismo para o monoteismo, a razão humana está em compensação muito mais bem dezenvolvida, e sobretudo o sentimento o está ainda mais. As mulhéres estávão então de-

maziado rebaixadas para repelírem dignamente, mesmo pelo seu silêncio, as doutorais aberrações dos seus pretensos defensores, que não tinhão pois a lutar sinão contra a razão. Mas, entre os modérnos, a felis liberdade das mulhéres ocidentais lhes permite manifestárem repugnâncias decizivas, que bástão, em falta de retificação racional, para neutralizar éssas divagações do espírito inspiradas pelo desregramento do coração. E' o sentimento feminino quem só contêm hoje as devastações práticas que éssas tendências anárquicas pareceríão dever produzir. A ociozidade agrava tal perigo nas nóssas classes privilegiadas, onde a riqueza ezérce aliás uma funésta influência sobre a constituïção moral das mulhéres. Todavia, mesmo aí, o mal é realmente pouco profundo ou muito restrito. Nunca se seduziu muito os hômens, e ainda menos as mulhéres, acariciando as suas más inclinações. Não ha de verdadeiramente temíveis sinão as seduções que se enderéção aos nóssos bons pendores, para desnaturar-lhes a direção. Devaneios que chócão diretamente todas as delicadezas femininas não podião pois obter nenhum acendente real, mesmo nos rangos mais bem dispóstos a acolhê-los. Porem, no povo, onde as suas devastações serião tão dezastrózas, a repulsão é muito mais deciziva, porque a ezistência proletária indica mais aos dois séxos a sua verdadeira situação respectiva. Assim, no cazo sobretudo em que mais impórta consolidar os dógmas domésticos, o pozitivismo achará poucos obstáculos à admissão completa da sua teoria natural sobre a condição social das mulhéres segundo a destinação fundamental que acabo de lhes assinalar.

Na sua mais sistemática apreciação, éssa teoria decórre do grande princípio relativo à separação normal das duas potências elementares, que domina todas as altas questões sociais. Porque os motivos que concêntrão a ezistência feminina no seio da família, sem nenhuma participação no comando, mesmo doméstico, não são, no fundo, sinão uma mais completa aplicação dos que interdizem, em geral, ao poder moderador todo ezercício do poder diretor. Pois que as mulhéres constitúem o elemento mais puro e mais espontâneo da força moral, élas dévem milhór preencher as condições que lhe são próprias. A influência afetiva que as carateriza ezige, ainda mais do que a aptidão especulativa, uma estrita renuncia a atividade habitual do séxo dirigente. Si, portanto, os filózofos dévem abster-se dos negócios práticos, as mulhéres deveríão tambem, por mais fórte razão, renunciar a estes, quando mesmo a órdem natural da sociedade lhes deixasse a escolha de tal. Porque a delicadeza do sentimento, que constitúi o mérito essencial délas e a fonte do seu verdadeiro acendente, é ainda mais alterável pela vida ativa do que a nitidês e a generalidade dos princípios teóricos. O exercício da autoridade prática não póde se conciliar com o surto habitual do espírito de conjunto, porque ele preocupa a inteligência com questões especiais. Porem ele prejudica mais a pureza das afeições dezenvolvendo os impulsos egoistas. Esse perigo seria tanto menos evitável para as mulhéres, quanto o coração délas, eminentemente térno carece ordináriamente

de energia, de maneira a não poder lutar assás contra as influências corruptoras. Quanto milhór se aprofundar esse assunto fundamental, tanto mais sentir-se-á que, longe de lezar a verdadeira vocação délas, a sua situação social é muito apropriada a dezenvolver, e mesmo a aperfeiçoar, as suas qualidades principais. A órdem natural das sociedades humanas é, a todos os respeitos, muito menos vicióza do que o indicão hoje cégas declamações. Sem o reinado espontâneo da preponderância material, a força moral seria desnaturada, como perdendo a sua destinação caraterística. Os filózofos e os proletários alterarião em bréve as suas altas qualidades de espírito e de coração si obtivéssem o acendente temporal. Porem o ezercício do comando corromperia ainda mais a natureza feminina. Essa tendência é demaziado apreciável nas classes superiores, onde a riqueza proporciona muitas vezes às mulhéres uma funésta independência, e mesmo um poder abuzivo. Eis sobretudo o que obriga a procurar, entre os proletários, o milhór tipo feminino, porque a ternura aí dezenvólve-se milhór e aí obtem mais o seu justo acendente. A riqueza contribui ainda mais do que a ociozidade e a dissipação para a degradação moral das mulhéres privilegiadas.

A evolução favorece, não a igualdade dos sexos, mas sua diferenciação

A este respeito, como a qualquér outro, o progrésso continuo da humanidade não fas sinão milhór dezenvolver a ordem fundamental. Longe da situação respetiva dos dois sexos tender em nada para a igualdade que a sua natureza lhes interdís, o conjunto do passado confirma nitidamente a tendência constante da evolução humana a caraterizar mais as suas diferenças essenciais. Apezar do milhoramento capital que a idade-média trouxe à condição social das mulhéres ocidentais, éla lhes tirou as funções sacerdotais que élas partilhávão com os hômens sob o regímen politêico, no qual o sacerdócio éra antes estético do que sientifico. A medida que o princípio das castas foi perdendo entre os modérnos, o seu antigo acendente, as mulhéres fôrão sendo escluidas da realeza e de qualquér outra autoridade política. As menóres funções práticas manifestão uma tendência equivalente a afastar de mais em mais as mulhéres das diversas profissões industriais, mesmo daquélas que parécem dever milhór convir-lhes. Assim, a ezistência feminina se concentra mais na família, em lugar de desprender-se désta, ao mesmo tempo que éla dezenvólve milhór um legitimo acendente moral. Longe de se contrariárem, éssas duas tendências são, pelo contrário, necessáriamente solidárias.

Sem discutir vans utopias retrógradas, impórta sentir, para milhor apreciar a órdem real, que, si as mulhéres obtivéssem jamais éssa igualdade temporal que os seus pretensos defensores pedem, sem a aquiecência délas, as suas garantias sociais sofrerião com isso tanto como o seu caráter moral. Porque élas se acharião assim sujeitas,

na maioria das carreiras, a uma ativa concurrência diária, que não poderião sustentar ao mesmo tempo que a rivalidade prática corromperia as principais fontes da afeição mútua.

O homem deve sustentar a mulher

Em lugar desses sonhos subversivos, um princípio natural garante plenamente a ezistência feminina, fixando os deveres temporais do séxo ativo para com o séxo afetivo. Só o pozitivismo póde, em virtude da sua realidade caraterística, sistematizar esse princípio, de maneira a fazê-lo dignamente prevalecer. Mas a nóva filozofia não criou a tendência universal que éla proclama assim, em virtude de uma justa apreciação do conjunto do movimento humano. *O hômem déve sustentar a mulhér*: tal é a lei natural da nossa espécie, em harmonia com a ezistência essencialmente doméstica do séxo afetivo. Ésta régra, manifestada mesmo pela mais grosseira sociabilidade, se dezenvólve e se aperfeiçôa à medida que a evolução humana se vai consumando. Todos os progréssos materiais reclamados pela situação atual das mulhéres se redúzem a milhór aplicar esse princípio fundamental, cujas consequências devem reagir sôbre todas as relações sociais, sobretudo quanto aos salários industriais. Confórme a uma tendência espontânea, éssa régra se liga à nóbre destinação das mulhéres como elemento afetivo do poder moderador. A obrigação é então análoga àquela que prescréve à classe ativa de sustentar a classe especulativa, afim de que ésta póssa entregar-se dignamente ao seu ofício fundamental. Sómente os deveres materiais do séxo ativo para com o séxo afetivo são ainda mais sagrados, em consequência mesmo da concentração doméstica ezigida pelo ofício feminino. Relativamente aos pensadores, a obrigação dos práticos é apenas coletiva; porem, quanto às mulhéres, éla é sobretudo individual. Todavia, essa responsabilidade diréta, que péza especialmente sobre cada hômem para com a companheira que ele escolheu, não dispensa o conjunto do séxo ativo de uma análoga obrigação indiréta em relação a todo o séxo afetivo. Em falta do espozo, e dos parentes, a sociedade déve garantir a ezistência material de cada mulhér, quér em compensação de uma inevitável dependência temporal, quér sobretudo em vista de um indispensável ofício moral.

Tal é, pois, neste assunto, o verdadeiro sentido geral da progressão humana: tornar a vida feminina de mais em mais doméstica, e dezembaraçá-la mais de todo trabalho esterior, afim de milhór assegurar a sua destinação afetiva. Os privilegiados já reconhecêrão que todo esforço penozo deve ser poupado às mulhéres. E' esse quázi o só cazo em que os nóssos proletários dêvão imitar, quanto às relações dos dois séxos, os costumes dos seus chéfes temporais. A qualquér outro respeito, o povo ocidental sente milhór do que estes os deveres práticos dos hômens para com as mulhéres; ele coraria até o mais das vezes das bárbaras corvéias impostas ainda a tantas mulhéres, si o nósso regimen industrial já permitisse evitar tal monstruozidade. E' sobretudo entre os nóssos grandes e os nóssos ricos que se vêm esses vís mercados, aliás tão freqüentemente fraudalózos, nos quais uma imoral intervenção determina ao mesmo tempo a degradação de um séxo e a corrupção do outro. Fazendo milhór ressaltar a verdadeira vocação da mulhér, e alargando mais a escolha conjugal, os costumes modérnos vão estingüindo rápidamente a vergonhóza venalidade rezultante assim do uzo dos dótes, já quázi nulo entre os nóssos proletários. O princípio pozitivista sobre as obrigações materiais do hômem para com a mulhér afastará sistemáticamente este résto de barbaria, mesmo entre os nóssos privilegiados. Para milhór conseguí-lo, bastará realizar uma última consequência da teoria sociológica do séxo afetivo, interdizendo toda herança às mulhéres. Sem essa supressão, a dos dótes seria iludida por um desconto espontâneo. Desde que a mulhér é dispensada de toda produção material, é ao homem só que dévem reverter os instrumentos de trabalho que cada geração prepara para a seguinte. Longe de constituir nenhum viciozo privilégio, tal modo de transmissão se liga naturalmente a uma grave responsabilidade. Não é entre as mulhéres que éssa medida complementar sucitará uma séria opozição. Uma san educação lhes fará aliás compreender a utilidade pessoal disso, para prezervá-las de indignos pretendentes. Éssa importante prescrição não déve mesmo tornar-se legal sinão depois de haver livremente prevalecido nos costumes, pela universal convicção da sua aptidão a consolidar a nóva constituïção doméstica. *

A mulher deve receber a mesma educação que o homem

Para acabar de caraterizar a condição social das mulhéres no regimem pozitivo, basta indicar, segundo a mesma teoria, a natureza da sua educação .

O seu ofício fundamental dissipa, a este respeito, toda incerteza, manifestando a obrigação de estender a ambos os séxos, de uma maneira quázi unifórme, o sistema de educação geral acima destinado aos proletários. Esse sistema sendo dezembaraçado de toda especialidade, convêm tanto ao elemento simpático do poder moderador como ao elemento sinérgico, mesmo quanto aos estudos científicos. Si, quanto aos proletários, reconhecemos quanto é indispensável a san teoria histórica, similhante necessidade se estende tambem às mulhéres, afim de dezenvolver dignamente nélas o sentimento social, sempre imperfeito enquanto a continuïdade não compléta aí a solidariedade. Ora, aplicando a ambos os séxos a precizão de tal estudo, e da sistematização moral que deste rezulta, não se póde então desconhecer uma igual urgência da preparação científica que ele supõe, e que aliás oferéce diretamente a todos uma importância equivalente. Enfim, pois que as mulhéres dévem prezidir a toda a educação espon-

* O nósso Méstre reconheceu e proclamou em bréve que éssa instituïção não devia nunca tornar-se *legal*. — R. T. M.

tâneas, é precizo que élas tênhão tambem participado da educação sistemática que constitui o indispensável complemento désta. Não ha de verdadeiramente particular aos hômens sinão o que se chama a educação profissional, que reconhecemos não comportar finalmente nenhuma organização própria, por dever sobretudo resultar de um judiciozo ezercício, sucedendo a um criteriozo surto teórico. As mulhéres terão, pois, como os filózofos, a mesma educação que os proletários.

Todavia, proclamando éssa igual participação de ambos os séxos, estou longe de pensar, com o meu ilustre precursor Condorcet, que as suas lições públicas dêvão ser simultâneas. A apreciação moral que déve sempre prevalecer, interdís altamente similhante méscla, como igualmente funésta aos dois séxos. E' no templo, no clube, e no salão, que eles deverão juntar-se livremente, durante toda a sua carreira. Porem, na escóla, esses contatos prematuros impedirião cada um deles de dezenvolver o seu próprio caráter, alem da evidente perturbação que esperimentarião por isso os seus estudos. Até que, de parte a parte, os sentimentos estêjão assás formados, impórta muito que as suas relações consérvem-se parciais e circunscritas, sob a constante vigilância das mãis.

Contudo, éssa obrigação de separar as lições publicas dos dois séxos, embóra os estudos séjão então os mesmos, não déve de modo algum conduzir a instituir para as mulhéres professores especiais. Tal instituïção, além dos seus inconvenientes financeiros, tenderia sobretudo a desnaturar a educação feminina, sucitando um preconceito inevitável sobre a inferioridade dos seus órgãos próprios. Para que a instrução fundamental seja verdadeiramente a mesma em ambos os sexos, é precizo que os professores séjão comuns, apezar da separação das lições. O plano indicado na tercéira parte deste Discurso concilia fácilmente estas duas condições, não adstringindo cada filózofo sinão a uma so sessão hebdomadária, e ás vezes duas. Tal serviço póde ser fácilmente dobrado, sem atingir ainda ás mizeráveis corvéias dos méstres atuais. Devendo aliás cada filózofo percorrer então sucessivamente os séte gráus anuais do ensino pozitivo, a obrigação de ensinar separadamente os dois séxos poderia regular-se de maneira a dispensar o professor de toda fastidióza repetição. De résto, os hômens distintos que serião sempre encarregados desse duplo ofício ficarião em bréve esclarecidos, pela esperiência, sobre a diversidade didática correspondente á diferença natural dos auditórios, sem entretanto alterar jamais a homogeneidade necessária dos métodos e das doutrinas.

Realçando, aos ólhos de todos, a dignidade dos estudos femininos, éssa identidade de órgãos déve tambem ezercer uma felis reação sobre o caráter intelectual e moral dos funcionários filozóficos. Eles serão assim mais bem desviados das especialidades ociózas, e espontâneamente reduzidos ás vistas de conjunto. A subordinação fundamental do espirito para com o coração se lhes tornará tambem mais

familiar, freqüentando ao mesmo tempo as naturezas as mais racionais e as mais sentimentais. Éssa igual destinação aos dois séxos completará a universalidade enciclopédica dos nóvos filózofos. Assim obrigados a tratárem indiferentemente todas as divérsas órdens de concepções reais, e de interessar igualmente dois auditórios tão diferentes, é bem força que o seu mérito pessoal fique ao nível do seu ofício social. Mas, ao mesmo tempo, o conjunto déssas condições tende a tal ponto a diminuir o número deles, que se poderá achar bastantes hômens distintos para realizar tal plano quando o seu recrutamento fôr criteriózamente instituído e a sua ezistência material dignamente garantida. Não esqueçamos aliás que a sua corporação déve ser ocidental, e de módo algum nacional; da sórte que os funcionários pozitivistas muderão ainda mais a miúdo as suas rezidências do que o fizérão, na idade-média, os dignatários católicos. Combinando todas éssas considerações, reconhecer-se-á logo que a educação pozitiva póde ser largamente organizada, em ambos os séxos, para todos os habitantes do Ocidente, sem ezigir a metade das despezas inúteis, ou antes nocivas, que hoje são acarretadas só pelo clero anglicano. Cada funcionário filozófico acharia entretanto uma digna ezistência material, sem que nenhum fosse jamais degradado pela riqueza. Um corpo de dés mil filózofos bastaria hoje, e talvês sempre, para todas as ezigências espirituais das cinco populações ocidentais; pois que ele permitiria instituir, em mil pontos pelo menos do território pozitivista, o sistema completo do ensino septenário. A influência das mulhéres e a dos proletários não póde jamais tornar-se assás sistemática para dispensar de módo algum a intervenção filozófica. Entretanto a sua incorporação crecente ao conjunto do poder moderador diminuirá a estensão ulterior da classe puramente especulativa, que o regimen teológico multiplicou muito demaziadamente. O privilégio do conforto sem produção será desde então assás raro e assás merecido para não sucitar nenhuma recriminação legítima. Sentir-se-á por toda parte que as despezas consagradas á ezistência filozófica, como á ezistência feminina, longe de serem onerózas á sociedade ativa, constitúem a mais precióza fonte do seu aperfeiçoamento e da sua verdadeira felicidade, assegurando o justo surto das funções especulativas e afetivas que caraterizão a humanidade.

Todas as questões relativas á teoria sociológica da mulhér se rezólvem, pois, sem incerteza, mediante o princípio fundamental posto, no princípio désta quarta parte, sobre a destinação social do séxo afetivo, em virtude da sua constituïção natural. Órgãos espontâneos do sentimento que prezide sózinho á unidade humana, as mulhéres constitúem o elemento mais diréto e mais puro do poder moderador, destinado a moralizar de mais em mais o império necessário da força material. A esse título, élas são encarregadas, primeiro como mãis, depois como espozas, da educação moral da Humanidade. Daí rezulta a ezistência délas cada vês mais doméstica, e á sua participação cada vez mais compléta na instrução geral, afim de que a sua situação tenda sempre a milhór dezenvolver-lhes a vocação.

Recompensa ligada à missão afetiva da mulher

E' agóra fácil completar ésta apreciação sumária caraterizando tambem a recompensa natural de tal fadário.

Nenhuma outra vocação faz sentir tanto até que ponto a felicidade de cada ente consiste sobretudo em dezenvolver o seu ofício espontâneo. Porque as mulhéres não têm todas, no fundo, sinão uma mesma missão, a de amar. Mas é a única que admite um número ilimitado de órgãos, e que, longe de temer nenhuma concurrência, se estende pelo concurso. Encarregadas de entreter a fonte afetiva da unidade humana, as mulhéres são, pois, tão felizes quanto o pósão ser quando sêntem dignamente a sua verdadeira vocação, e a pódem seguir livremente. O seu ofício social tem isso de admirável que ele as convida a dezenvolverem o seu instinto natural, e lhes prescréve as emoções que cada um prefére a todas as outras. Assim, as mulhéres não têm, em geral, de pedir à regeneração final sinão que milhór adapte a situação délas à destinação que lhes é peculiar, quer dispensando-as de toda atividade esterior, quer assegurando-lhes a justa influência moral. Ora, o regimen pozitivo satisfará diretamente esse duplo vóto, pelo conjunto dos milhoramentos materiais, mentais, e morais, que há de realizar na ezistência feminina.

Mas, alem déssa recompensa natural de um venturoso ofício, o pozitivismo déve consumar, em relação às mulhéres, o que a idade-média não póde sinão esboçar, sistematizando o reconhecimento contínuo que há de inspirar de mais em mais o salutar acendente moral délas. Em uma palavra, só a nóva doutrina universal póde instituir dignamente o culto, ao mesmo tempo público e privado, da Mulhér. Será esse o primeiro gráu permanente do culto fundamental da Humanidade, no qual a concluzão deste discurso colocará finalmente o centro geral do pozitivismo, tanto filozófico como político.

A mulher e a cavalaria

Os nóssos cavalheirescos antepassados fizérão, neste particular, admiráveis tentativas, que não são mais apreciadas sinão pelas mulhéres. Porem os nóbres esfórços deles não podião bastar, quer em razão de uma sociabilidade demaziado militar, quer em virtude da insuficiência social da doutrina dominante. Todavia, eles deixárão lembranças imperecíveis, e mesmo lhes devemos ainda a milhór parte dos nóssos costumes ocidentais, embóra já muito alterados pela nossa anarquia.

A filozofia negativa do século último reprezentou a cavalaria como não podendo jamais reviver, por estar ligada a crenças dora vante retrógradas. Mas éssa solidariedade éra mais aparente do que real, e aliás pùramente temporária. Éla foi viciozamente ezagerada pelos modérnos defensores do catolicismo, que não podião assás dicernir a fonte afetiva déssa admirável instituïção sob a sua consagração teológica .O sentimento feudal constituiu certamente a origem diréta e natural da cavalaria, que sómente pedia em seguida ao catolicismo a única sanção sistemática que éla podia então achar. No fundo, o princípio teológico éra pouco conforme ao impulso cavalheiresco; um concentrava a solicitude humana sobre um futuro quimérico, ao passo que o outro dirigia toda a nóssa energia para a ezistência real. Sempre colocado entre o seu deus e a sua dama, o cavalheiro da idade-média não podia conhecer essa plena unidade moral que era só o que teria inteiramente dezenvolvido a sua nobre missão voluntária.

Tocando ao termo da tranzição revolucionária, começamos a sentir que a cavalaria, longe de estinguir-se finalmente, déve milhór prevalecer no verdadeiro regimen modérno, em virtude de uma sociabilidade mais pacífica e uma doutrina mais humana. Porque essa grande instituïção correspondeu a uma ezigência fundamental qúe se dezenvólve mais à medida que a humanidade se civiliza, o protetorado voluntário para com todos os fracos. A passágem da atividade conquistadora dos antigos para o regímen defensivo dos guerreiros feudais deveu sucitar-lhe a primeira manifestação geral, então sancionada pelas crenças dominantes. Mas a irrevogável preponderância da vida pacífica déve proporcionar-lhe uma milhór estensão, quando esse grande caráter temporal da órdem modérna houvér sido dignamente sistematizado e moralizado. Sómente, o sentimento cavalheiresco transformará a sua destinação, em virtude da felis modificação que a nóssa civilização acarréta de mais em mais na opressão habitual. A potência material tendo cessado de ser militar para tornar-se industrial, a perseguição não se dirige mais à pessoa, porem sobretudo à fortuna. Essa transformação definitiva oferéce muitas vantágens, quér diminuíndo a gravidade dos perigos, quér tornando a proteção mais fácil e mais eficás. Mas éla não dispensará nunca o protetorado voluntário, mesmo sistemático. O instinto destruidor, peculiar a todo animal carniceiro, far-se-á sempre sentir vivamente em todos os que tivérem, sob um módo qualquér, o poder de se entregar a ele. Assim, o regímen pozitivo déve naturalmente oferecer, como suplemento geral da sistematização moral, o surto regular dos costumes cavalheirescos, entre os chéfes temporais. Aqueles dentre estes que se sentírem animados de uma generozidade equivalente à dos seus heróicos predecessores, consagrarão, não a sua espada, porem a sua fortuna, a sua atividade, e, sendo precizo, toda a sua energia, à livre defeza de todos os oprimidos. Da mesma maneira que na idade-média, esse ofício voluntário se ezercerá sobretudo para com as classes especialmente espóstas às perseguições temporais. Isto é, as mulhéres, os filózofos, e os proletários. Não se póde supôr que a instituição mais bem inspirada pelo sentimento social deva ficar estranha ao regimen que mais dezenvolverá a sociabilidade.

Sob esse primeiro aspéto, a reconstrução final dos costumes cavalheirescos não oferecerá sinão uma renovação da grande instituïção da idade-média, segundo um módo adaptado ao novo estado mental

e social. Hoje, como então, o devotamento dos fórtes aos fracos tornar-se-á a consequência natural da subordinação da política à moral. E' assim que o poder moderador acha generózos patronos no seio mesmo do poder diretor que ele déve reduzir dignamente a sevéros deveres sociais. Mas, alem desse ofício geral, a cavalaria feudal aprezentava, para com as mulheres, uma destinação mais especial e mais íntima, para a qual a superioridade do regimen pozitivo será mais compléta e mais evidente.

Esboçando o culto da mulhér, o sentimento feudal foi mal secundado, e mesmo, a muitos respeitos, entravado, pelo princípio católico. Dirétamente contrários à verdadeira ternura mútua, os costumes cristãos não lhe assistirão o surto sinão por uma influência indiréta, prescrevendo a pureza habitual, indispensável ao verdadeiro amor. Sob qualquér outro aspéto, as simpatias cavalheirescas não pudérão surgir sinão lutando sempre contra a egoista austeridade de um regimen que jamais consagrou o cazamento sinão a título de inevitável enfermidade, desfavorável à salvação pessoal. Mesmo a salutar prescrição da pureza achava-se então alterada por motivos interesseiros, que comprometião muito a sua principal eficácia moral. Eis porque, apezar da admirável perseverança dos nóssos generózos antepassados, o culto da mulhér não pôde ser, na idade-média, sinão imperfeitamente esboçado, sobretudo nos costumes públicos. Máu grado as empíricas pretenções do catolicismo, ha toda razão de prezumir, mediante o conjunto déssa apreciação, que, si a situação feudal tivesse podido se dezenvolver sob o politeismo, os sentimentos cavalheirescos terião prevalecido aí milhór.

O culto da mulher

Só o regimen pozitivo permite o pleno surto do culto das mulhéres, pela sua inteira sistematização, na qual as opiniões secundarão sempre os costumes. Erigindo a ternura em principal atributo feminino, o novo culto fará entretanto apreciar então dignamente a pureza, ligando-a enfim à sua verdadeira fonte e à sua destinação essencial, como condição capital da felicidade e do aperfeiçoamento. Um estudo aprofundado da natureza humana afastará sem dificuldade os vãos sofismas que a nóssa anarquia inspira, sobre esse importante assunto, aos espíritos superficiais unidos a corações grosseiros. Mesmo o materialismo sientífico aprezentará, neste particular, poucos obstáculos reais à missão moral do pozitivismo. O judiciozo médico Hufeland já observou que o vigor notório dos antigos cavaleiros afastava de antemão toda objeção séria sobre os perigos físicos de uma continência habitual. Sem sindar os diversos aspétos de tal questão, a apreciação pozitiva estabelecerá fácilmente que a pureza, impósta primeiro como condição de toda profunda ternura, não impórta menos ao aperfeiçoamento material e intelectual do hômem e da humanidade do que ao progrésso moral de ambos.

Em virtude do conjunto das indicações peculiares a ésta quarta parte ,o pozitivismo dispõe tanto o espírito como o coração a organizar dignamente, em toda a vida real, quér privada, quér pública, o culto, ao mesmo tempo individual e coletivo, do séxo afétivo pelo séxo ativo. Nacidas para amar e ser amadas, libertadas de toda responsabilidade prática, livremente retiradas no santuário doméstico, as nóssas ocidentais pozitivistas receberão aí a pura homenagem habitual de uma gratidão plenamente sentida. Sacerdotizas espontâneas da Humanidade, élas não terão mais a sobrepujar os seus próprios escrúpulos, nem a terrível rivalidade de um deus vingativo. Cada um de nós aprenderá, desde a infância, a ver, em todo o seu séxo, a principal fonte da ventura e do aperfeiçoamento humanos, tanto públicos como privados.

Todos esses tezouros de afeição que os nóssos antepassados perdêrão para um fim místico, e que os nóssos costumes revolucionários em seguida menosprezárão, serão então cuidadózamente recolhidos, e aplicados à sua verdadeira destinação, por populações estranhas a toda quiméra degradante. Entes nacidos para a ação, e que sentir-se-ão os chéfes do mundo conhecido, farão consistir a sua principal felicidade em sofrer dignamente o venturozo acendente moral dos entes votados à afeição. Em uma palavra, o joelho do hômem não dobrará mais sinão diante da mulhér.

Esse culto contínuo deriva naturalmente de um íntimo reconhecimento, determinado por uma ezáta apreciação habitual dos benefícios reais do séxo afetivo para com o séxo ativo. Uma convicção familiar fará profundamente sentir a todo pozitivista que a nóssa verdadeira felicidade tanto privada como pública, depende sobretudo do aperfeiçoamento moral, e que este rezulta principalmente da influência da mulhér sobre o hômem, primeiro como mãi, depois como espoza. E' impossível que esse sentimento habitual não determine uma térna veneração ativa para com o séxo ao qual a sua pozição social interdís toda concurrência interesseira. À medida que a vocação feminina fôr mais bem compreendida e mais dezenvolvida, cada mulhér tornar-se-á para cada hômem a milhór personificação da Humanidade.

Mas esse culto, a princípio emanado de um reconhecimento espontâneo, será consagrado em seguida, mediante uma apreciação sistemática, como um novo meio de felicidade e de aperfeiçoamento. A imperfeição moral do séxo ativo, lhe prescreve dezenvolver, por um exercício assíduo, as afeições térnas que são nele demaziado inértes. Nada póde milhór preencher éssa importante condição do que uma prática familiar, ao mesmo tempo privada e pública, do culto feminino. E' sobretudo assim que o pozitivismo reachará dignamente a alta eficácia moral que o catolicismo tirou da oração.

Uma grosseira apreciação reprezenta hoje esse uzo religiozo como inseparável dos interésses quiméricos que o inspirárão aos primeiros hômens. Mas a sistematização católica sempre tendeu a dezembaraçá-lo de tais interésses, embóra o regimen teológico nunca o pudésse

permitir inteiramente. Desde Santo Agostinho, todas as almas puras sentirão de mais em mais, através do egoismo cristão, que orar póde não ser pedir. À medida que prevalecer a verdadeira teoria da natureza humana conceber-se-á mais bem êsa alta função, que o regimen definitivo déve dezenvolver mais, em virtude de um milhór principio. No estado normal da humanidade, a oração, purificada de todo cálculo pessoal, tornar-se-á, segundo a sua verdadeira destinação moral, uma solene efuzão, individual ou coletiva, dos sentimentos generózos, ligados ás vistas gerais. O pozitivismo prescreverá a sua prática diária como própria para combater as impulsões egoistas e as idéias estreitas que a vida ativa inspira ordinàriamente. E' sobretudo aos hômens que ela será recomendada, pois que eles têm mais precizão de ser regularmente reconduzidos aos pensamentos de conjunto e às afeições dezinteressadas, dos quais a sua ezistência habitual tende a desviá-los mais.

Para milhór assegurar-lhe a eficácia, impórta que o seu objéto seja nitidamente determinado. Óra, êssa condição é naturalmente preenchida pelo culto feminino, que póde assim tornar-se muito mais salutar do que o culto divino. Sem dúvida, a oração humana déve finalmente ter sobretudo em vista a Humanidade, como o indicarei especialmente no fim deste discurso. Mas esse fim seria demaziado vago para realizar os felizes efeitos morais de tal costume, si se quizésse a princípio concentrá-lo assim. Talvês a ternura feminina comporte êssa súbita estensão diréta. Seja como fôr, o séxo ativo não póde pretender isso, mesmo na classe contemplativa, mais bem dispósta a tudo generalizar. E', pois, só o culto feminino, primeiro privado, depois público, que póde preparar o hômem para o culto real da Humanidade.

Ninguem é bastante desventurado para não achar, entre as mulhéres, quér como espoza, quér como mãi, um digno objéto de afeição especial, que póssa prezervar o seu coração de toda divagação na sua adoração privada do séxo amante. A mórte, que paréce dever destruir esse culto individual, póde, pelo contrário, consolidá-lo, purificando-o mais, quando ele é bem instituído. Não é sómente na ezistência coletiva que o pozitivismo fará nitidamente sentir a ligação do prezente com o conjunto do passado, e mesmo do futuro. Ligando todos os indivíduos e todas as gerações, a sua doutrina familiar permitirá a cada um reavivar milhór as suas mais caras lembranças, em um regimen no qual a vida privada se reatará profundamente à vida pública, até nos menóres cidadãos. Os espíritos bem cultivados já estão habituados a viver com os seus eminentes predecessores da idade-média, e mesmo da antiguidade, quázi como o farião para com amigos auzentes. Porque o coração, muito mais enérgico, não comporteria tambem essa ideal ressurreição? A vida pública nos oferéce já frequentes ezemplos de simpatias e de antipatias dezenvolvidas, em alto gráu, em imensas populações, a respeito dos principais personágens históricos, sobretudo quando a influência atual destes é apreciável. Nada impéde de estender às destinações privadas tal aptidão

afetiva, para as relações sentidas por cada um. A nóssa cultura moral efetuou-se até aquí sob um regímen tão pouco conveniente, que não podemos hoje conceber assás a eficácia habitual que comportará a sua regeneração pozitiva, concentrando sempre, na vida humana, as afeições como os pensamentos. Viver com os mórtos, constitúi um dos mais preciózos privilégios da humanidade, que o dezenvólve mais à medida que as suas idéias se estêndem e que os seus sentimentos se apúrão. O pozitivismo déve proporcionar-lhe um vasto surto, a um tempo espontâneo e sistemático, não sómente público, mas tambem privado. Ele o estenderá mesmo ao futuro, fazendo-nos viver tambem com aqueles que ainda não nacêrão; o que não éra antes impossível sinão por falta de uma verdadeira teoria histórica, abraçando num só relance d'ólhos o conjunto dos destinos humanos. Uma multidão de ezemplos nos indica a aptidão do coração humano para as emoções desprovidas de todo fundamento objetivo, a não ser ideal. As vizões familiares do politeista, as místicas afeições do monoteista, assinálão, no passado, uma tendência natural que o futuro déve utilizar proporcionando-lhe uma destinação mais real e mais nóbre, mediante uma san filozofia geral. Assim, aqueles mesmos que fôssem desgraçadamente desprovidos de um digno objéto de afeição pessoal, poderião todavia instituir convenientemente o culto privado da mulhér, escolhendo, entre os nóssos predecessores, um tipo adaptado à própria natureza do adorador. As mais possantes imaginações se abrirão tambem o domínio do porvir, construindo neste um ideal ainda mais perfeito. No fundo, foi o que fizérão a miúdo os nóssos cavalheirescos avoengos, apezar da sua ingênua ignorância. Porque o hábito de uma san teoria histórica não haveria de aumentar, a este respeito, as nóssas faculdades naturais? Em relação ao futuro, como quanto ao passado, a doutrina pozitiva estenderá tanto milhór êssa felís aptidão quanto éla poderá prezervá-la de toda divagação enervante, impondo-lhe leis objetivas próprias para conter a versatilidade espontânea do coração humano.

O culto da mulher prepara o culto da Humanidade

Devi insistir sobre essa instituïção, óra real, óra ideial, do culto privado e individual da mulhér, porque o seu culto público e coletivo não póde de outra fórma comportar profunda eficácia moral. A reunião dos hômens fortifica e dezenvólve muito os sentimentos que lhes são peculiares, mas sem os poder inspirar. Si, pois, cada um não esperimentasse izoladamente uma térna veneração habitual para com aquélas que prezidem às nóssas principais afeições, uma multidão assim compósta limitar-se-ia a repetir, nos templos da Humanidade, fórmulas vans em honra das mulhéres. Mas aqueles que, todos os dias, lhes enderéção sincéramente secrêtas homenagens, poderão, pelo seu concurso solene, ezaltar a miúdo os seus nóbres sentimentos respetivos até o mais salutar entuziasmo. Na minha última carta à minha etérna companheira, eu lhe dizia espontâneamente: "No meio

dos mais graves tormentos que pósão rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é ter sempre o coração dignamente cheio." Depois da nóssa fatal separação, uma esperiência diária tem confirmado milhór éssa apreciação, aliás tão confórme à verdadeira teoria da natureza humana. E' por tais hábitos individuais que se pódem convenientemente preparar sincéras práticas coletivas.

A aptidão caraterística do pozitivismo é ainda mais irrecuzável para esse culto público da mulhér do que para o culto privado. Porque, só a preponderância sistemática do ponto de vista social permite render tal homenágem à destinação fundamental do séxo amante. Nas grandes reüniões da idade-média, os cavaleiros manifestávão ao mesmo tempo os seus divérsos sentimentos individuais, porem sem nunca se elevárem acima de um simples prolongamento coletivo do culto privado. Embóra este culto deva permanecer o preâmbulo do outro, este último consistirá sobretudo em testemunhar dirétamente o reconhecimento do povo pelo ofício social do séxo afetivo como órgão espontâneo do princípio fundamental da unidade humana e primeiro elemento do poder moderador. Ora, tal apreciação era impossível, na idade-média, por falta de uma verdadeira teoria social, abraçando o conjunto das relações humanas. Ela teria sido mesmo então inconciliável com a doutrina dominante, na qual Deus uzurpava o lugar da Humanidade.

As mulheres ecepcionais

Essa glorificação convem por tal módo ao pozitivismo, que ele póde estendê-la até as anomalias. Sem dúvida, o culto público da mulhér, como o seu culto privado, deve referir-se sobretudo à vocação afetiva que a carateriza. Mas é precizo tambem saber honrar dignamente as naturezas ecepcionais que houvérem prestado verdadeiros serviços à humanidade, quér nas carreiras especulativas, quér mesmo por uma atividade prática ainda mais alheia ao tipo feminino. O caráter absoluto do espírito teológico lhe interdizia tal flexibilidade, que teria gravemente comprometido as suas principais prescrições sociais. Tambem por isso o catolicismo foi obrigado, máu, grado os seus pezares a princípio sincéros, a deixar sem consagração augustas memórias femininas, cujo culto teria sido, com efeito, então mais prejudicial à moral do que útil à política. Nada carateriza milhór éssa impotência necessária do que a admirável história da heróica virgem que salvou a França no décimo-quinto século. Uma canonização tão merecida foi nóbremente solicitada pelo nósso eminente Luiz XI, e dignamente concedida pela autoridade pontifícia. Entretanto éla jamais determinou nenhuma consagração prática, e o seu dezuzo acarretou em bréve o cléro a uma sórte de afastamento espontâneo para com éssa grande memória, que lhe recordava sobretudo a sua impotência social. Tal conduta nada tem de acidental, nem mesmo de censurável; porque éla foi a princípio inspirada por

temores, então muito legítimos, sobre os perigos morais de similhante celebração, que teria tendido a desnaturar os costumes femininos. Mas a incompatibilidade não eziste sinão para uma doutrina absoluta, incapás de glorificar uma anomalia sem comprometer a régra. O pozitivismo repróva aínda mais do que o catolicismo a ezistência guerreira das mulhéres, como mais afastada do que qualquér outra da verdadeira vocação délas. Só ele póde, todavia, honrar dignamente a incomparável vírgem que a impotência teológica desleixou, e que o cinismo metafízico ouzou macular, mesmo em França. A sua consagração solene, a cada aniversário do seu gloriozo martírio, será não sómente nacional, porem ocidental, como esse imenso benefício, sem o qual o centro normal das populações de elite teria perdido talvês a independência indispensável ao seu ofício europeu. Todo o Ocidente tendo aliás participado mais ou menos da torpeza voltairiana, déve igualmente concorrer para a reparação pozitivista. Longe de comprometer os costumes femininos, éssa glorificação ecepcional os poderá consolidar, caraterizando a anomalia e manifestando as condições de tal apoteóze. Achar-se-á aí uma nóva confirmação das vantágens morais proporcionadas pelo espírito relativo do pozitivismo, único apto a apreciar as eceções sem enervar as régras.

Tal indicação do culto pozitivista da mulhér pelo hômem sucita finalmente uma questão muitíssimo delicada, quanto à maneira de satisfazer uma necessidade análoga no outro séxo. Si os hômens não pódem se elevar dirétamente ao culto real da Humanidade, sem preparar-se a ele por esse preâmbulo natural, as mulhéres, embóra mais amantes, são talvês sujeitas tambem a uma preparação eqüivalente. Todavia, éla deveria cértamente tomar uma outra direção, afim de milhór dezenvolver, em cada séxo, as qualidades morais que a sua natureza deixa insuficientes. Porque, a humanidade é tanto caraterizada pela energia como pela ternura, segundo o atésta familiarmente a felís ambigüidade da palavra *coração*. O hômem não tendo naturalmente bastante ternura, ezige, a esse respeito, um ezercício assíduo, que o culto de reconhecimento devido à mulhér lhe proporciona espontâneamente. Pelo contrário, o séxo afetivo, no qual a energia é insuficiente, déve dirigir a sua preparação especial para o culto final da Humanidade de maneira a dezenvolver antes a corágem do que o amor. Porem, a minha impotência masculina me interdís de perscrutar mais éssas íntimas ezigências do coração feminino. A lus filozófica me condús a assinalar éssa lacuna despercebida, sem me permitir preenchê-la. Só à mulhér pertence tal taréfa, que eu haveria de rezervar à eminente coléga cuja perda prematura farei, segundo espéro, universalmente deplorar. *

---

* O culto assíduo de Clotilde acabou por desvendar ao nósso Mestre a solução deste problema, como adiante se verá. Bastou, para isso, dezenvolver a teoria dos *anjos da guarda*, mediante a instituição normal de *três* tipos de adoração correspondentes aos três instintos simpáticos, o *apego*, a *veneração*, e a *bondade*. Essa trindade é formada, para o

O conjunto désta quarta parte me fás profundamente sentir, como filózofo, a nóssa fatal separação. Eu constatei aquí, sem dúvida, a aptidão fundamental do pozitivismo a incorporar dignamente as mulhéres ao grande movimento modérno, realizando, milhór do que o catolicismo, todos os seus vótos domésticos e sociais, em virtude do seu nóbre ofício natural no regímen definitivo. Não pósso todavia esperar fazer-lhes saborear assás tal apreciação para obter a ativa adezão délas, enquanto ésta espozição não emanar de um órgão feminino, único capás de adaptá-la plenamente à sua natureza e aos seus hábitos. Até lá, as suporão mesmo impróprias para compreender jamais a nóva filozofia, apezar da afinidade espontânea délas para o pozitivismo, em virtude das divérsas indicações precedentes.

Todos esses obstáculos achávão-se plenamente afastados pela nóbre e térna amiga a quem dediquei o grande Tratado de que este discurso é o prelúdio. Embóra éssa dedicatória ecepcional póssa parecer exagerada, temo hoje, vinte mezes após essa fúnebre homenagem, haver demaziado pouco caraterizado o íntimo reconhecimento de que me sinto devedor a esse virtuozo acendente, sem o qual o surto moral do pozitivismo teria sido muito retardado.

Igualmente eminente de espírito e de coração, Clotilde de V*** sentia já a aptidão da nóva filozofia a reorganizar dignamente a influência feminina, tão alterada, desde o fim da idade-média, pela tranzição revolucionária. Desconhecida por toda parte, sobretudo na sua própria família, a sua grande alma a tinha entretanto prezervado de todo azedume. Apezar das desgraças tão estranhas como imerecidas, a sua pureza, ainda mais ecepcional, a garantia assás de todos os sofismas anti-domésticos, antes mesmo que a sua razão houvésse apreciado a verdadeira teoria conjugal. A única compozição que éla publicou contém, a esse respeito, ésta admirável máxima, que o seu fadário tórna tão tocante: "E' indigno dos grandes corações derramar a perturbação que resêntem." Néssa encantadora novéla, que precedeu a sua iniciação no pozitivismo, acha-se, sobre a verdadeira vocação da mulhér, ésta opinião caraterística, tão deciziva em tal juís: «Dar ao hômem os cuidados e a doçura do lar, recebendo dele em «tróca todos os meios de ezistência que o trabalho proporciona, não «é esse o verdadeiro papel da mulhér? Eu antes quéro vêr uma «mãi de família pouco abastada lavando a roupa dos seus filhos, «do que vê-la consumindo a sua vida para espalhar fóra de caza os

hômem, pela *Mãi*, a *Espoza*, e a *Filha*; e, para a mulhér, pela *Mãi*, o *Espozo*, e o *Filho*. O culto da Mulhér prezide pois, nos dois sexos, ao surto moral, em virtude da supremacia do anjo matérno igualmente preponderante em ambos. E' em torno desses tipos que se grupão todas as nossas afeições; assim o Pai é o anéxo da Mãi; o Filho, da Filha; quanto à Irmãn, agréga-se à Mãi, à Espoza, ou à Filha, conforme os cazos; etc. Vide a teoria do culto privado no CATECISMO POZITIVISTA. — R. T. M.

«produtos da sua inteligência. Está bem visto que não falo da mulhér «eminente, que o seu gênio arrebata alem das esféras da família. «Ésta déve ter na sociedade seu livre surto; porque a manifestação «é o verdadeiro facho das inteligências superiores.» Tal apreciação, emanada de uma jóven dama, tão distínta pela sua beleza como pelo seu mérito, refutava já as nóssas utopias anárquicas. Porem, alem disso, a compozição mais estensa que a sua mórte deixou incompléta éra diretamente destinada a reparar os ataques dirigidos contra os dógmas domésticos por uma eloqüente contemporânea, acima da qual o talento a elevava tanto como a virtude. Nobremente dominada pelo sentimento, éssa alma privilegiada sabia entretanto conservar à razão toda a sua justa influência. No princípio dos seus estudos pozitivos, éla me escrevia: «Compreendi milhór do que ninguem a fra- «queza da nóssa natureza, quando não é dirigida para um fim ele- «vado e inacessível às paixões.» Pouco tempo depois, no meio das mais graciózas espansões da amizade, a sua pena feminina introduzia, quázi sem que éla o percebesse, ésta profunda sentença moral: «A «nóssa espécie, mais do que as outras, caréce de deveres para fazer «sentimentos.»

Em virtude désta preparação espontânea, ficar-se-á pouco sorpreendido que a minha santa Clotilde tenha dignamente sentido a aptidão moral do pozitivismo, embóra esse estudo não haja podido ocupar sinão o seu último ano. Alguns mezes antes da sua mórte, éla me escrevia, a esse respeito: «Si eu fosse hômem, terieis em mim «um dicípulo entuziasta; ofereço-vos, como indenização, uma sin- «céra admiradora.» Éssa mesma carta carateriza assim a sua participação projetada na instalação da nóva filozofia: «Uma mulhér déve «caminhar modéstamente atrás do préstito dos renovadores, embóra «tenha de perder assim um pouco do seu elance.» Éla aprecia tambem aí a nóssa anarquia mental por éssa encantadora imágem: «Todos «nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade.»

Uma coléga tal, que reünia todas as qualidades esparsas até aquí entre as divérsas mulhéres de elite, teria em bréve associado o seu séxo à regeneração final, realizando já a reação normal do sentimento sobre a razão, que déve em seguida constituir o principal ofício feminino. Quando a sua nóbre elaboração estivésse terminada, eu queria assinar, ao conjunto da sua cooperação pozitivista, um fim determinado embora vasto, plenamente conforme à sua natureza intelectual e moral. Creio dever indicá-lo aquí, para milhór caraterizar a participação especial das mulhéres no advento ocidental do pozitivismo, segundo um módo espontâneamente análogo à final intervenção social délas. Ele concérne sobretudo as duas grandes populações meridionais. Por toda parte alhures, ele limita-se aos indivíduos cuja libertação mental se acha retardada tambem, embora colocados em um meio emancipado. Mas os freqüentes sucessos que já constatei para este último cazo me confírmão de antemão a eficácia coletiva dos meios que vou assinalar.

As mulheres farão conhecer o Pozitivismo às populações meridionais

A emancipação mental do Ocidente começou, nos seus dois elementos septentrionais, com todos os perigos inherentes a uma originalidade que não podia então ser sinão empírica. Pelo acendente legal do protestantismo, a alta metafízica tomou aí uma consistência que muito perturbou os progréssos ulteriores, e que hoje constitúi neles o principal obstáculo a uma renovação deciziva. Felismente prezervado dessa pretensa reforma, o centro normal da república ocidental compensou em seguida esse atrazo inicial passando de um salto, sob o impulso voltairiano, a uma plena emancipação, que lhe permitiu retomar enfim a sua prezidência natural da comum regeneração final. Mas, evitando assim a inconsequência e a flutuação protestantes, a população franceza achou-se espósta às tendências anárquicas que a inteira preponderância da metafízica revolucionária devia sucitar. Esse negativismo sistemático constitúi agóra, pelo seu viciozo prolongamento, o principal entrave à reorganização definitiva que ele preparou tão útilmente. Póde-se desde então esperar que, na sua inevitável estensão aos dois elementos meridionais, a emancipação ocidental se consumará hoje mais felismente nas populações em que o catolicismo milhór rezistiu até aqui, primeiro ao protestantismo, depois ao deismo. Si a França transpôs o calvinismo, portanto a Itália, e mesmo a Hespanha não transporião tambem o voltairianismo? Em compensação natural do seu atrazo aparente, os meridionais passarião dirétamente do catolicismo ao pozitivismo, sem deter-se sériamente em nenhum negativismo. Embóra a nóva filozofia não pudésse nacer néssas populações, em virtude de tal falta de emancipação prévia, éla póde todavia prevalecer aí de um salto, depois de haver sido assás elaborada no seu fóco natural. Basta que o pozitivismo, sem preocupar-se de nenhuma crítica diréta, aprezente-se dóravante aí em concurrência imediata com o catolicismo, para todas as suas funções sociais, atuais ou mesmo passadas.

Todos os monumentos, sobretudo poéticos, ateístão, pelo menos quanto à Itália, que, antes da esplozão luterana, as crenças ocidentais, estávão mais decaídas no sul do que no nórte. A rezistência retrógrada do catolicismo não póde reanimar aí profundamente a fé cristan. Éssas populações, que táxão de atrazadas, não adérem verdadeiramente ao regimen católico sinão por não sentírem nenhuma outra satisfação real das suas ezigências morais e sociais. O coração está aí mais bem disposto do que alhures para o pozitivismo, em virtude de uma menór alteração dos instintos de fraternidade, tão comprometidos no surto industrial dos septentrionais protestantes. Ao mesmo tempo, o espírito acha-se aí menos afastado do princípio fundamental da nóva política sobre a separação normal dos dois poderes. Assim, o pozitivismo obterá em tal cazo um acendente deciziva, lógo que se reconhecer a sua aptidão necessária a preencher milhór do que o catolicismo todas as condições que caraterizávão o

regimen da idade-média. Óra, éssa apreciação pertence mais ao sentimento do que à razão, pois que as referidas condições érão principalmente morais. Tal missão propagandista é pois plenamente confórme à natureza peculiar ao talento feminino. E' pelas mulhéres que o pozitivismo déve penetrar na Itália e na Hespanha, ao passo que os hómens já nele iniciárão a Inglaterra, e sobretudo a Holanda, vanguarda permanente, desde a idade-média, de toda a Germânia. Porem esse apelo pozitivista às Italianas e às Espanhólas não póde emanar convenientemente sinão de uma eminente Franceza, e não de nenhum Francês, afim de que o coração fale então milhór ao coração. Póssa éssa sumária indicação fazer apreciar a incomparável coléga a quem eu destinava tal ofício, e preparar-lhe uma digna êmula! *

Um primeiro ezemplo deciziv confirma pois a minha esperança natural de associar intimamente os corações femininos ao movimento filozófico que lhe assina hoje uma alta missão social, prelúdio caraterístico do seu futuro ofício normal. Por mais ecepcional que deva parecer éssa cooperação inicial, éla não póde sinão antecipar-se à comum adezão. Porque os entes privilegiados sófrem sómente antes dos outros as transformações universais, cujos milhóres órgãos eles se tórnão assim. Salvo a sua admirável natureza, moral e mental, amadurecida de antemão pelo infortúnio, a minha santa coléga não oferecia nenhuma dispozição especialmente favorável à sua iniciação pozitivista. Proletária ou iletrada, éla teria talvês apanhado ainda mais fácilmente o espírito fundamental e a destinação social da nóva filozofia.

A mulher é o elemento simpatico do poder moderador

Em virtude do conjunto désta quarta parte, o elemento mais sistemático do poder moderador não tem menos afinidade com o elemento mais simpático do que com o mais sinérgico. Só tal adezão feminina permite aos filózofos completárem a organização da força moral, fundada primeiro na aliança popular. Instituíndo hoje o impulso regenerador que deve terminar a revolução, esse concurso deciziv inaugurará já a órdem final, pois que cada elemento moderador aí agirá de conformidade com a sua futura destinação normal e a sua dispozição natural para com o poder diretor. Aquele que déve congraçar os outros dois achará assim, no seio de cada família, uma felís assistência privada para a sua missão social, secundada já, em

* O nósso Méstre mostrou, no 4º tomo da sua POLITICA POZITIVA, que as dispozições especialmente favoráveis ao acendente político e religiozo do Pozitivismo nas populações de origem ibérica verificávão-se sobretudo na espansão americana, ou mesmo oceaneana, das referidas populações. E a aceitação que o Pozitivismo veio encontrar no Brazil constitúi uma confirmação desta profecia do nósso Méstre. (Vide POLÍTICA POZITIVA, vol. IV, ps. 485-490). — R. T. M.

cada cidade, por uma possante cooperação pública. Todas as influências que dévem ficar estranhas ao governo prático concorrerão então para submeter a política especial às régras constantes da moral universal. Nos cazos ecepcionais, a ativa participação do povo dispensará mesmo os outros dois elementos moderadores de qualquér intervenção diréta tendente a desnaturar-lhes o caráter especulativo ou afetivo, que impórta manter inalterável por uma invariável escluzão de todo comando.

Mas esse duplo apoio fundamental, tornando a força moral mais eficás do que na idade-média, imporá difíceis condições aos seus órgãos sistemáticos. Será precizo sobretudo que o coração do padre da Humanidade corresponda sempre ao seu espírito de conjunto. A adezão do séxo afetivo e a aliança do povo não lhe serão adquiridas sinão quando ele tornar-se tão simpático e tão puro como uma mulhér, e, ao mesmo tempo, tão enérgico e tão descuidado de si como um proletário. Sem esse raro concurso moral, o novo poder teórico não obteria jamais o acendente social que a sistematização pozitiva compórta. Apezar desse conjunto de meios interiores e esteriores, ele sentirá em bréve que a estrema imperfeição da natureza humana opõe etérnos obstáculos à missão caraterística do pozitivismo, a preponderância habitual da sociabilidade sobre a personalidade. (Discurso sobre o conjunto do Positivismo, *Quarta parte*; 1.ª edição, Julho de 1848, ps. 198-267).

ALGUMAS OBRAS ACONSELHADAS PARA O CONHECIMENTO DO POZITIVISMO:

I) A. COMTE: "Filosofia Positiva", "Política Positiva", "Sinteze Subjetiva", "Geometria Analítica", "Astronomia Popular", "Apelo aos Conservadores", "Catecismo Positivista" e "Correspondência".

II) Todas as obras incluidas na *"Biblioteca Positivista"*, nas quais se baseou em parte A. COMTE, para as suas considerações sôbre a literatura, a ciência, a história e a filosofia.

III) As Vidas de A. COMTE por LONCHAMPT, ROBINET, AUDIFFRENT e TEIXEIRA MENDES ("Comte et Clotilde").

IV) Coleção completa das publicações do *Apostolado Positivista do Brasil*, de que êste fornece, gratuitamente, o respectivo catálogo.

CONFERÊNCIAS PÚBLICAS

Todos os domingos, às 10 horas, no Templo da Humanidade, séde da Igreja Pozitivista do Brazil, na rua Benjamin Constant n.º 74, sobre o CATECISMO POZITIVISTA de AUGUSTO COMTE.

JORNAL DO COMMERCIO - Rodrigues & C. - Av. Rio Branco, 117 - Rio de Janeiro - 1945